

Elvis Rezende Messias

Conversa de Andarilho

Ensaaios de filosofia do cotidiano



O presente livro é uma seleção de pequenos textos que são pura reverberação dos momentos de uma vida que é, ela mesma, feita de momentos, de uma vida que é feita de busca e invenção de sentido, de uma vida que já inventou, inclusive, alguns sentidos em diversos momentos e tem buscado inventar tantos outros enquanto vive... As ideias aqui contidas não têm a mínima pretensão de orientar ninguém nem, muito menos, de se constituírem em dogmas. As palavras e reflexões deste livro talvez tenham, se muito, o singelo intento de provocar o leitor a pensar o cotidiano, e no cotidiano, e a fazer a experiência de tirar as coisas de sua condição de banalidade corriqueira. Quem sabe possa provocar o leitor a questionar, a perceber contradições existenciais a partir das inúmeras contradições que aqui mesmo encontrará, e, assim, a cogitar a possibilidade de mergulhar no desafio do conhecimento de si sob o auxílio do pensamento filosófico, inconcluso, sem gabarito nem soluções fáceis. Aqui há textos compostos entre o ano de 2008 e de 2020. Aliás, aqui não encontrará o leitor nenhuma solução, nem receitas de sucesso... Que fique claro: esse livro não deve ficar em nenhuma estante de autoajuda. E é bom que seja assim! Coloque-o na estante dos ensaios filosóficos, numa seção de Introdução à Filosofia, no máximo; ou, quem sabe, coloque-o na cabeceira da sua cama, e transforme-o em alguma coisa parecida com aqueles bate-papos desinteressados de amigos. Ou, ainda, se quiser, reverberando Manoel de Barros, coloque-o nas prateleiras das "desimportâncias", pois aqui "as palavras são usadas para compor silêncios"... Mas, é verdade, tudo isso poderia ser ainda generosidade demasiada para com esse livro e seu autor. Afinal, o leitor só encontrará aqui algumas inquietações existenciais, provocações, pensatas, devaneios, enfim, os caminhos de um caminhante, a conversa de um aprendiz de andarilho sempre em busca do mistério... E o filosofar nasce daí, do encantamento diante dos mistérios.



Conversa de andarilho

Conversa de andarilho

Ensaaios de filosofia do cotidiano

Elvis Rezende Messias



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

Fotografia de Capa: Khamkéo Vilaysing - @mahkeo

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MESSIAS, Elvis Rezende

Conversa de andarilho: ensaios de filosofia do cotidiano [recurso eletrônico] / Elvis Rezende Messias -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

105 p.

ISBN - 978-65-87340-80-7

DOI - 10.22350/9786587340807

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Reflexões; 3. Pensamento; 4. Religião; 5. Cotidiano; I. Título.

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

A cada ser humano, andarilho, caminheiro, peregrino, desbravador de si mesmo.

“O sábio nada perde em conservando a posse de si mesmo. [...] Já vivemos bastante para os outros, vivamos para nós ao menos durante o pouco tempo que nos resta. [...] A coisa mais importante do mundo é saber pertencermos-nos”.

(Montaigne. Da solidão).

Sumário

Apresentação	15
Para começo de conversa.....	17
Parte I.....	19
Pensatas existenciais	
Desvelamento	19
Gritos e utopias	21
Diálogo com o “eu”	22
Ditadura da maioria e suas “deficiências”	24
Dinâmica da corresponsabilidade	25
Este prazer chamado vida	26
Ética e ecologia	30
O ensino democrático	31
Alunos e professores em busca de excelência	33
A essência da existência é o existir	35
Mulher	37
Sobre assistencialismos contemporâneos.....	38
Marx vive! E o capitalismo também!.....	39
Manifesto pela educação, pela democracia e pela dignidade integral da pessoa humana ..	41
Parte II.....	47
Devaneios [mais ou menos] religiosos [ou sobre religião]	
Amor de amante	47
Altares.....	49
A fé – uma questão de honestidade	51
Dom de amor.....	54
Dom de Amor II	55

O “dentro” e o “fora” da vida	56
Atelofobia e antropofilia	57
Na dinâmica da ressurreição	61
Meditação de início de ano	62
Espiritualidade do deserto	64
Breve reflexão sobre “santidade”	66
Estado, religião e submissão	68
Egoístas por necessidade?	70
Jesus e as religiões	73
Aporia das aporias	75
Parte III	78
Fragmentos pela desfragmentação	
Sobre ser aprendiz de andarilho	78
Sobre humanização e decência	78
Sobre orações e seus efeitos	78
Sobre ser feliz	79
Sobre a cruz	79
Sobre o passar dos dias, aniversários, envelhecimento e morte	79
Sobre a arte docente e a arte do fazer-se	80
Sobre “datas especiais”	80
Sobre caminhadas e buscas andarilhas	81
Sobre inteireza e integralidade	82
Sobre escrever	82
Sobre contradições e coerências	83
Sobre o sofrimento	83
Sobre interioridade e espiritualidade	84
Sobre vocação	85
Sobre pregações e mídia	85
Sobre pensadores, artistas e Deus	86
Sobre imagens alheias	86
Sobre sucessos alheios	86
Sobre dormir e acordar	87
Sobre estudos, provas e avaliações	87
Sobre política	88

Parte superior do formulário	91
Sobre a vida	91
Sobre fraternidade.....	92
Sobre a docência	92
Sobre encontrar-se	93
Sobre saudosismos e nostalgias	93
Sobre paixões e amores	94
Sobre um certo Andarilho	94
Sobre dar-se.....	94
Sobre vida [após a morte?].....	95
Sobre humanos e invenções.....	95
Sobre hojes e amanhãs	95
Sobre mistérios	95
Sobre lutas, resistências e educação	96
Sobre “gênero”	96
Sobre crentes e não crentes	97
Sobre ressurreição.....	97
Sobre tempos sombrios	98
Considerações finais. finais não, reticentes... ..	101
Andarilho.....	104

Apresentação

O presente livro é uma seleção de pequenos textos que são pura reverberação dos momentos de uma vida que é, ela mesma, feita de momentos, de uma vida que é feita de busca e invenção de sentido, de uma vida que já inventou, inclusive, alguns sentidos em diversos momentos e tem buscado inventar tantos outros enquanto vive... As ideias aqui contidas não têm a mínima pretensão de orientar ninguém nem, muito menos, de se constituírem em dogmas. As palavras e reflexões deste livro talvez tenham, se muito, o singelo intento de provocar o leitor a pensar o cotidiano, e no cotidiano, e a fazer a experiência de tirar as coisas de sua condição de banalidade corriqueira. Quem sabe possa provocar o leitor a questionar, a perceber contradições existenciais a partir das inúmeras contradições que aqui mesmo encontrará, e, assim, a cogitar a possibilidade de mergulhar no desafio do conhecimento de si sob o auxílio do pensamento filosófico, inconcluso, sem gabarito nem soluções fáceis. Aqui há textos compostos entre o ano de 2008 e de 2020. Aliás, aqui não encontrará o leitor nenhuma solução, nem receitas de sucesso... Que fique claro: esse livro não deve ficar em nenhuma estante de autoajuda. E é bom que seja assim! Coloque-o na estante dos ensaios filosóficos, numa seção de Introdução à Filosofia, no máximo; ou, quem sabe, coloque-o na cabeceira da sua cama, e transforme-o em alguma coisa parecida com aqueles bate-papos desinteressados de amigos. Ou, ainda, se quiser, reverberando Manoel de Barros, coloque-o nas prateleiras das “desimportâncias”, pois aqui “as palavras são usadas para compor silêncios”... Mas, é verdade, tudo isso poderia ser ainda generosidade demasiada para com esse livro e seu autor. Afinal, o leitor só encontrará aqui algumas inquietações existenciais, provocações, pensatas, devaneios, enfim, os caminhos de um caminhante, a

conversa de um aprendiz de andarilho sempre em busca do mistério... E o filosofar nasce daí, do encantamento diante dos mistérios.

Se achar que vale a pena continuar, então boa leitura!

Para começo de conversa...

Fico sempre pensando na grandeza da vida, no mistério da existência e na beleza de ser gente. Tudo é muito intenso.

Impressiona o fato de sermos seres capazes de cantar as próprias dores. Existe uma força que nos torna aptos a perceber que muitos sofrimentos virão nos visitar, mas de antemão também sabemos que estes sofrimentos se transformarão em aprendizados, em alguns poemas, em história cheia de sentido, em algo que se somará à historicidade de nossa vida e a tornará um pouco mais plena. Sofremos dores de amor sempre, mas mesmo assim alguns de nós não desistimos de amar. Por quê? Que coisa é essa, o Homem?

Por que tantos pensadores, artistas e místicos, bem como os patriarcas e representantes de diversas religiões tiveram vida andarilha, peregrina, caminhante? O cristianismo mesmo, por exemplo, é religião que se inspira em um Andarilho, em um homem que, segundo Ele mesmo disse a seus pretensos seguidores, não tinha onde nem sequer reclinar a cabeça. Por que o Amor, que se faz carne, acabou sendo morto? Por que o liberto da caverna de Platão, ao voltar ao interior dela, também acabou morto pelos prisioneiros? Por serem eles complacentes com seus próprios grillhões? Por que ainda tão pouco espaço há para as mulheres nos espaços de decisão das religiões, nos departamentos científicos, nos títulos de publicações acadêmicas? Por que ainda há tão pouca presença de negros nas universidades, nas mídias? Por que ainda falta pão na mesa de tantos, mesmo que vivamos numa era de produção alimentícia em alta escala? O que há de errado com a gente? E o que há de certo conosco? De onde devemos partir? A quais importâncias damos menos ou mais importância?

Basta um segundo de sensatez para percebermos o quão grande é em nós a abertura ao transcendente da vida. Queremos ser plenos,

profundos, inteiros, pois seres integrais é o que já somos. Sim, basta um pouco de sinceridade interior para percebermos o quanto a vida almeja plenitude...

Por isso, não percamos o norte, não percamos o oriente, ainda que eles precisem ser descobertos ou inventados... Não percamos o horizonte da Busca, o oriente do Amor, o norte do Caminho, impregnando a vida com tons de eternidade... Só há um jeito de ser: sendo... Um paradigma existencial para o percurso? O Andarilho. Não querer arriscar por medo de errar, já pode ser o pior dos erros a cometer. E por que temer as coisas maiores se a vida é muito maior do que imaginamos? Mas - acreditemos - tudo ainda será pouco. E nesse pouco há muito... Caminhemos.

Parte I

Pensatas existenciais

Desvelamento

O conhecimento é algo extremamente transcendental; quando vivido e buscado de modo a estarmos abertos ao Aberto, essa busca, por si só, já nos conduz a experiências profundas do ilimitado e do infinito.

Reduzir uma coisa ao que já conhecemos dela é o mesmo que rove-la, que prendê-la, impedindo que ela se revele ainda mais, que revele a nós o que ainda não foi revelado, impedindo que o seu ser se revele ao nosso ser no vir-a-ser da existência.

A posse mesma da verdade é algo que parece bem difícil de ter. Aliás, ter a verdade não é o que mais importa; talvez importe mais ser verdadeiro. Deixar-se envolver e inebriar-se pela presença transcendental e escapável da verdade é mais importante do que tê-la. Não somos nós que devemos dominar a verdade, mas é ela que deve nos dominar com a sua força desveladora.

Existem presenças que se nos escapam quanto mais nos aproximamos, porque, quanto mais perto, maior a coisa se torna, quanto mais conhecemos, maiores os mistérios sobre o objeto de nosso conhecimento e a consciência de que ainda temos muito a conhecer. Talvez seja por isso que tantas pessoas se esquivam da necessidade de se conhecerem, pois não suportam as verdades sobre si mesmas.

Ora, abarcar a totalidade não parece ser um privilégio nosso, nem deve ser tanto a nossa busca; se o Todo nos abarcar a conquista já será bastante heroica. Todavia, quem suportaria aceitar essa limitação sem se

assustar por descobrir que esse nosso limite pode ser justamente o que nos conduz ao ilimitado? Não é porque não conhecemos a coisa que a coisa desconhecida não exista ou não seja cognoscível... Que arrogância seria pensar dessa forma! Que pretensão absurda querer limitara realidade toda ao pouco que conhecemos dela! Seria encerrar o processo gradativo do desvelamento que permeia nossa existência toda.

Um exemplo: assim como pensar na existência de Deus pode parecer um delírio, uma criança ainda no ventre pensar na existência de uma mãe fora dele também pode ser... Não quero com isso comprovar a existência de nada, mas apenas dizer que podemos estar em um processo de gestação e que não devemos apressadamente dar às coisas o caráter definitivo e dogmático que por vezes costumamos dar. Basta um pouco de sinceridade intelectual para percebermos que, no final das contas, aquilo que já conhecemos se torna finito, enquanto que o que não conhecemos permanece na condição de infinitude, de transcendência. Porém, aquilo que já conhecemos de algo pode não ser ainda tudo que dele temos para conhecer.

Pensemos em outro exemplo, bem concreto e simples: os relacionamentos afetivos humanos. Como eles poderiam ser mais duradouros se não reduzíssemos a totalidade da pessoa com quem convivemos ao pouco que dela ainda conhecemos. Um casal precisa ser verdadeiro e honesto – para não dizer artista e místico – para se abrir ao infinito um do outro. Por isso o amor deve ser a força que move os dois no processo de se conhecerem; precisam aprender a amar a verdade sobre o outro, além das ilusões e decepções, além das surpresas agradáveis e desagradáveis, além das imagens deles criadas, e aceitar que a verdade sobre o outro é uma descoberta constante e não definitiva. O outro pode ser mais chato do que parece e já se demonstrou ser, mas também pode ser mais belo e amável. E a força que decidirá se valerá ou não a pena continuar aberto à verdade infinita do outro – verdade essa que nem mesmo o outro acessou totalmente – é o amor, o amor à verdade e o amor a esse outro. Amor esse que é ato de abertura, de permanecer-se aberto ao Aberto do outro.

Nesse sentido, não fica difícil compreender que as decepções são sinais de imaturidade, apego e desconhecimento; só o imaturo não aceita que o outro é muito mais do que aquilo que se idealizou sobre ele e não se desapega da imagem criada, de tal forma que só depende dele mesmo permanecer ou não nesse estado de imaturidade e ignorância. Não temos o direito de reduzir uma pessoa, um fato ou qualquer outra coisa à imagem que dela fizemos! A verdade, transcendental como parece ser, e a possibilidade de um acesso somente gradativo a ela ferem nosso orgulho e, ao mesmo tempo, nos ensinam a sair dessa baixa condição, exatamente por nos colocar diante da provisoriedade; não que a verdade seja absolutamente provisória e em constante mudança, mas porque nós mesmos somos provisórios e seres em construção; somos nós que acessamos provisoriamente a verdade e, conseqüentemente, é também só aos poucos que vamos nos tornando verdadeiros.

Enfim, fica-nos a impressão de que a vida humana parece ser constantemente visitada pela perenidade do efêmero, e que o processo de humanização passa pelo crivo do húmus, da humildade que nos leva a reconhecer as frestas da existência, as aberturas que insistem em aparecer no decorrer dos nossos caminhos. Infelizes e rasos serão os apressados, pois não terão a coragem e a paciência necessária para acessarem o mistério da vida nem para se permitirem serem acessados por ele, passando despercebido que é só vagarosamente que a noite dá lugar ao dia e que o obscuro se desvela em clareza.

Gritos e utopias

A vida abre portas, fecha outras, sem parar.

O mundo rouba a cena e a vida nunca para de chegar.

O sonho é o ar que mantém viva nossas lutas, nossos gritos e utopias, nossas ideologias.

O futuro não é destino, é o que estamos construindo. Nossas escolhas determinam o que vamos ser, o que podemos ser.

O sistema é cruel, rouba da vida a própria vida, diz o que é.

Te dá um prato de comida, veste tua roupa... Um chão indigno aos nossos pés.

Vontades transformadas em necessidades calculadas, somos vendidos por um preço que não podemos pagar.

Muita valorização? Não, isso é alienação. Onde vamos nos achar? Onde nós vamos parar?

Não podemos esperar o milagre acontecer, nossos passos se são firmes os caminhos vão fazer.

Nossas mãos se entrelaçando sacralizam o suor. As diferenças se completam, é o que temos de melhor.

Nossos passos todos juntos. Para onde vamos ir? O presente é o que temos e o futuro está por vir.

Ideologias, sonhos, lutas, medos e conspirações... As esperanças se encontram no bater dos corações.

Diálogo com o “eu”

Você busca o conhecimento de si mesmo? O conhecimento de sua história? Dá medo, não é?! Mas, vale a pena! Um homem sem história é como um livro sem textos.

É como diz a música do Milton Nascimento, *Caçador de Mim*: “Nada a temer, senão o correr da luta”, o fugir da luta... Nada a fazer, se não fugir do medo.

É preciso acreditar em nosso potencial, acreditar que somos capazes! Capazes de quê? Capazes de tudo: tudo de ruim, tudo de bom, sem ilusões.

Pergunte-se! Analise-se!

Qual o motivo das motivações e desmotivações? Tente descobrir os porquês, e tenha coragem de superar-se. É um caminho, não uma posse. É uma aposta, não uma garantia. Não se acomode! Não se acostume! Mas, ao mesmo tempo, não tenha medo de “criar raízes”. Não se esconda atrás

das “maquiagens sociais”. Os “normais” são mais doentes do que aparentam e, os “loucos”, mais lúcidos que as convenções.

A nossa vida é um complexo de histórias vividas que nos configura ao que fomos, tornando-nos o que somos. Somos o que vivemos! Vivemos o que somos, da maneira como estamos. Aliás, pergunte-se: “Sou ou estou?”... A vida é um ponto de interrogação; somos uma grande pergunta em busca de grandes respostas. E, a cada resposta, nova pergunta, novo mistério... Demore na pergunta, more em você mesmo. Quem despreza a dúvida bloqueia sua inteligência.

Não tenha medo de descobrir que existem coisas maiores do que as pequenas grandezas que você conhece. Existe “mais”. Existe “mas”. Existe “por que”. Existe... Bom, você existe!

Por que temer as coisas maiores se a vida é maior do que imaginamos? Somos grandes demais. Não nos reduzamos em pequenezas! A vida é assim: ou você brinca com ela, ou ela briga com você!

O mercado competitivo existe porque nos preocupamos mais em superar os limites dos outros do que em superar os nossos próprios limites. Conheça-se a si mesmo! Não tenha medo de descobrir-se. Procure-se e... Não tenha medo de achar-se! A mais cruel das solidões é aquela que nos torna ausentes de nós mesmos.

Situações tranquilas são improdutivas. As criações humanas são ato segundo, respostas a desafios que se nos apresentam. Se faltam desafios, faltarão criações; se faltam perguntas, faltarão respostas; se faltam mistérios, faltarão perguntas; se faltam problemas, faltarão soluções... Enquanto permanecemos estacionados nos sucessos que já conquistamos, outras vitórias são adiadas.

O seu maior segredo é você mesmo. A sua maior caça é você mesmo. O seu maior medo é você mesmo. A sua maior ameaça é você mesmo. A sua maior alegria será você mesmo quando descobrir-se, conhecer-se... Pois encontrará a justa medida para lidar consigo e com os outros. É uma aventura para uma vida toda. E aí, está disposto? Enfim... Não há gabaritos para a vida: viva!

Ditadura da maioria e suas “deficiências”

Quem disse que a maioria está sempre com a razão? Não é difícil perceber como a ditadura da maioria pode produzir efeitos seriíssimos de desnivelamento social, pobreza e preconceitos de variados modos.

Quando esta noção de minoria/maioria não é bem trabalhada, um dos frutos de que dela advêm é a repressão, a delimitação através de um muro de preconceitos e de comodismos que não nos permitem valorizar o outro como outro, mas também como outro que faz parte do “nós”, do todo.

Um exemplo: o grupo social dos surdos-mudos. Em relação a eles dois problemas se nos apresentam: 1) eles não são simplesmente um grupo que falam uma língua oral diferente (como os migrantes), mas utilizam outra modalidade linguística, que é a gestual-visual; 2) eles frequentemente não são considerados “normais” por uma grande parte da sociedade, mas como “deficientes”, devido ao fato de não se expressarem como “ouvintes” e “falantes” do modo como uma relativa maioria se expressa. Como podemos perceber, o preconceito está ignorantemente instalado.

Sem dúvida alguma todo tipo de preconceito é ignorante, pois toma a falta de conhecimento como critério de leitura do outro, analisando-o sem se colocar no lugar deles, sem a devida percepção de que somos tão “deficientes” quanto podem ser aqueles que julgamos não ser tão “normais” como nós... Um equívoco.

Deste modo, já que algumas pessoas se acham mais normais e, portanto, melhores que as outras, deveriam elas, então, desenvolver minimamente a capacidade de serem mais abertas às diferenças e às novidades... As suas atitudes discriminatórias, entretanto, testemunham contra elas mesmas, escancarando suas ignorâncias e “deficiências”. Pensemos nisto!

Dinâmica da corresponsabilidade

Tempo passa, tempo vem, e sempre somos convidados a *lançar mão de algumas horas de algum domingo para exercermos nossa cidadania* e depositarmos nossa confiança em alguém que julgamos apto para nos representar no poder público. É um jogo de responsabilidades em prol do bem comum. Todavia, desde já cabe uma pergunta: será que somos chamados a *exercer nossa cidadania* apenas por uma pequena fração de tempo ou a vida toda?

Muitos de nós que optamos por não nos “envolver em política” precisamos urgentemente nos envolver com a dinâmica da corresponsabilidade e redescobriremos que pensar e cuidar dos assuntos dos outros é coisa séria. Ainda que não queiramos, todos somos políticos. Quem vota em qualquer um ou simplesmente nem exerce seu direito de escolha, deve saber que pode estar colaborando com a miséria de muitos e com a morte indigna de tantos outros.

Um governante está revestido de uma autoridade que lhe foi constituída pelo povo para bem governá-lo. Deste modo, numa linguagem bíblica, é como se nós gritássemos com toda a força: “*reine sobre nós*” (cf. *Jz 9, 7-16*). Colocar alguém sério em algum poder público é, sobretudo, responsabilizar-se pela construção do bem comum e da dignidade do ser humano: um ser que é social e sagrado.

Alguns parlamentos ou assembleias legislativas aprovam leis injustas contra os direitos humanos e a vontade popular, precisamente por não estarem perto de seus representados, nem saberem escutar e dialogar com os cidadãos, mas também por ignorância, por falta de acompanhamento e porque muitos cidadãos abdicam de seu dever de participar na vida pública (DAP, 79).

Ora, ou realmente fazemos uma escolha mais consciente da pessoa na qual depositaremos nossa confiança ou verdadeiramente estaremos colaborando para o crescimento da injustiça em nossa sociedade. A própria

palavra “sociedade” nos remete, automaticamente, à dinâmica da responsabilidade.

O que está em jogo é a vida de milhões de homens, mulheres e crianças, fazendo-se, necessário, com isso, avaliarmos as decisões que tomamos à luz das consequências que elas podem ocasionar, tendo o amor recíproco como guia-mestre e o bem comum como inspiração fundamental. Somos irmãos! E o bem comum consiste, exatamente, na realização cada vez mais fraterna da dignidade comum.

Exercer, portanto, a cidadania a partir de um voto consciente é responsabilizar-se na realização de uma vida mais digna para todos, sabendo que os fracassos obtidos também são nossos. Temos em nossas mãos a oportunidade de construirmos juntos um mundo melhor para todos; um mundo que é nosso. O “político”, enfim, não está no cargo que ocupa para resolver o “meu” problema, mas o “nosso”. E nós com ele. Somos todos políticos.

Este prazer chamado vida

“A vida também é feita de erros”. Ouvi isso de um amigo que tentava me dar forças para a caminhada na vida; não sei se ele concordava com as decisões que eu estava pra tomar – provavelmente não, pois falou em aprender com “erros” –, mas expressou-me, como podia, apoio.

Como é difícil decidir, tomar a vida nas próprias mãos, buscar e encontrar a felicidade. Mas quem disse que teria de ser fácil? E quem disse que “difícil” é sinônimo de “ruim” e “fácil” sinônimo de “bom”? De pensar pouca gente gosta, principalmente quando o objeto de reflexão é a gente mesmo. Mas é uma tarefa irrenunciável; e nunca é muito lembrar que qualquer decisão, que geralmente é marcada por situações limites, tem a companhia da dor, da dúvida, da angústia... Afinal, tudo está muito situado no campo da aposta, e escolher qual aventura viver não é fácil mesmo.

É natural que uma decisão tão séria – pelo menos para quem a toma – seja precedida e mesmo acompanhada de medo. Mas antes ter medo e

enfrentar, do que ficar e ir morrendo de dentro pra fora. Todavia, uma das companhias mais cruéis de nossas vidas, que pode se fazer presente, sobretudo, em tempos decisíveis, é a culpa. Como corremos o risco de nos sentir culpados quando admitimos que a atual vida que levamos não mais nos satisfaz e começamos a vislumbrar novos rumos. Mas vale a pena enfiar goela abaixo uma vida que não está valendo a pena ser vivida? Sentimo-nos culpados por quê? De quê, afinal?

Todas essas questões, por suas vezes, podem gerar em nós agudas ansiedades, que podem também fazer com que nos precipitemos, apressemos as coisas. Ora, quem suportaria conviver um pouco mais com suas próprias insatisfações antes de dar um fim a elas por meio de uma decisão tomada recheada de esperanças de uma vida plena? Mas parece-nos ser importante que também saibamos conviver com as insatisfações, ao menos um pouco, para nos fortalecermos em nós mesmos e nos precavermos contra atitudes precipitadas. Não apressar nada, não tentar resolver nada pela ansiedade: eis um desafio perene! Fazer as pazes consigo mesmo, com as próprias sombras, não se machucar mais: eis o imperativo categórico!

Se, por um lado, somos chamados a cuidar da gente mesmo, a “meter a cara” na vida, por outro, para tanto, a gente precisa se firmar em si. Mas nós somos tantas vezes inimigos de nós mesmos... Vamos ser felizes de que jeito, com essa desconfiança toda? Quase nada confiamos na pessoa com quem mais convivemos: a gente mesmo. Temos uma visão tão errada da gente mesmo que é mais fácil projetarmos nossa felicidade em algo que está além da gente, já que não seria possível haver coisas boas dentro de nós, a não ser vaidades, orgulhos, egoísmos, etc. Transformamo-nos em nosso superego. Grande conquista!?

Estamos esperando aprovações de quem para fazermos alguma coisa na vida? Respondo: à primeira vista, de todo mundo, menos da gente mesmo. Quem de nós ousaria perguntar: “e aí, Eu Mesmo, o que você pensa de mim?”. Mas à segunda vista, esperamos, no final das contas, aprovação de nós mesmos. Entretanto, como nos transformamos nas introjeções sociais que fizemos, pensamos que ouvir as pressões externas é

ouvir a gente mesmo. Tanta prudência a troco de quê? No final das contas, estamos esperando nossa própria aprovação, nosso próprio aval, mas nosso superego insiste em nos voltar para fora, para o que os outros vão pensar, para as más introjeções sociais. Enquanto esperamos a aprovação de outrem, adiamos a escuta mais importante e, conseqüentemente, a mais temida de nossas vidas: a de nós mesmos! Quem suportaria a própria voz a essas alturas?

Inspirado um pouco em Nietzsche – e talvez aqui o presente texto perca de vez o seu crédito! –, penso que não precisamos esperar aprovações externas mesmo não! É compreensível que alguém ao ler estas poucas palavras, e nos visse tentando firmar as bases de nossas vidas em nós mesmos, nos chame de orgulhosos, egoístas e até mesmo de ingratos. Mas será que o somos tanto assim? Embora a gente já possa ter se convencido de que, de fato, não prestamos, será que há mesmo tanta ruindade assim em nós? Penso que não! Quem diria isso eu o veria como alguém preso a uma moralidade escravizada – como eu mesmo estou preso tantas vezes! –, e por não ter coragem de tomar a vida nas próprias mãos, escarnece de quem tenta! O mundo inteiro (o superego, na verdade) já nos apunhalando, nos chamando de traidores, de idólatras, jogando em nossa cara que não prestamos, que somos subversivos, hedonistas, vaidosos, orgulhosos e tudo quanto é tipo de ninharias, e a gente se convencendo também, entrando na onda e nos ferindo também, acreditando que é verdade o que ouvimos. Mas não é! Todavia, quem levaria a sério alguém que leva a sério uma reflexão em moldes nietzschenianos?

Frustramo-nos tantas vezes com nós mesmos, por causa de nossas vaidades... “Ah, não presto, sou muito vaidoso, sou o patinho feio, a pior das criaturas!” ... Mas o que é a vaidade? Vaidade das vaidades é não querer tomar a vida nas próprias mãos por medo de errar. Mas, afinal, que imagem de nós mesmos estamos querendo salvar quando fazemos isso? Que sentido há nisso? Fazemos tantas associações erradas, julgando um estado de vida mais comum, normal e humano que outro, a custa de um pouco de ar, de nossos sonhos... Mas, sinceramente, quem ainda sonha? Quem

ainda ousa sonhar por conta própria? Quem ainda ousa sonhar um sonho que não é comum, que vai além dos sonhos que já sonharam para nós, que vai além do “status quo” da sociedade a que estamos inseridos? Que sonhos ainda temos? Parece que nenhum... Tudo a gente reprova, a gente não permite... Mas acho que tenho um sonho: quero uma vida translúcida e embriagada pela própria vida... Uma vida que não sei se já tive... Uma vida que permite erros, se for o caso... Que permite retornos, se for o caso, como o pródigo... Não quero vida dissoluta como o pródigo, não me é atraente! Quero arriscar, apenas, apostar... Não quero retomar nada... Quero apenas ir... Uma vida simples. Mas onde está essa vida? Para frente, no novo, na ousadia do vir-a-ser. Como se dá isso? Não há como saber de antemão... Só indo pra frente pra saber. Mas é inegável reconhecer quando a esfera de nossa vida já ficou pequena e a gente experimenta a insegurança de transpor os limites que já não nos são suficientes. Situações novas exigem métodos novos!

Enfim, parece trabalhoso, não? Sim, muito trabalhoso! Bom mesmo é o comodismo de normas rígidas a serem seguidas, normas estas que, supostamente, nos garantiriam o sucesso de nossas escolhas. Mas isso não existe! Não dá para transferir a responsabilidade de nossas vidas a um “manual” de conduta, de tal forma que se a gente errar, quem errou, na verdade, foi o manual que seguimos. Não existe este manual! A responsabilidade é nossa mesma. Quem tem de dar respostas às indagações de nossas vidas é a gente mesmo. A vida é, terrivelmente, nossa! Mas quem ousará viver assim? Quem suportaria desacreditar em mentiras tão frequentemente ditas que já se tornaram axiomas, verdades irrefutáveis?

“Quanto a ti, vida que me dá vida, resta-me pedir-te perdão pelos inúmeros crimes que contra ti possa ter cometido; pelas vezes que não vivi, só pensei; embora saiba que entendes que penso para tentar viver melhor. Peço-te perdão se estas palavras, inclusive, também soarem-te criminosas aos ouvidos, mas sou aprendiz, estou aprendendo a viver ainda. Provavelmente quando eu aprender, então poderás ir embora, me dando a morte, grande coroa, como prêmio. Admiro tua vivacidade, ó vida, a

capacidade que tens de ressuscitares constantemente; mesmo quando os homens matam tua força presente neles, ressorges vivaz, fulgurante no outro dia, no outro minuto, e não desistes de nós, nos chamando a viver. Estás tão em mim e eu em ti que, mesmo quando erro contra ti me con-vences de tua presença, me fazendo sentir-me mais vivo ainda. Meu amigo tinha razão quando me disse que a vida também é feita de erros: os mortos não erram nem acertam; isso é privilégio quase aristocrata dos vivos, sempre convidados a embriagarem-se dos vinhos que a vida lhes oferece. Não és minha inimiga, ó vida, és minha grande companheira, minha aliada! E assim quero viver: embriagado de vida, quase dionisiacamente, tendo-te em minhas mãos, e eu, nas tuas!”.

Ética e ecologia

Partimos do princípio de que problemas globais devem ser resolvidos com soluções globais. Ora, entendendo-se a ética com o sentido de morada comum, cujo fim é o de, morando bem, também viver bem, a associação com a ecologia é inevitável. Vivemos numa grande casa comum que é o planeta Terra, somos todos de filhos de Gaia, a mãe-terra, somos todos poeiras das estrelas. Todavia, temos construído nossa vida no planeta a partir do princípio da autodestruição, na qual a irresponsabilidade humana tem produzido – e pode produzir ainda mais – danos irreparáveis à biosfera. Isso significa que, diante desse desequilíbrio ecológico universal, precisamos sobrepor ao princípio da autodestruição o princípio da responsabilidade, ou seja, precisamos tomar decisões coletivas, a fim de salvaguardar nossa casa comum e todos que nela vivemos. Por isso – e tantas outras coisas – ética e ecologia se ligam inevitavelmente.

A releitura equivocada do “dominium mundi” do Gênesis, de forma especial feita por Francis Bacon no início da Filosofia Moderna, manifesta claramente que o desejo de poder e de estar sobre a natureza – e não junto dela e nela – é uma característica que marca a perda da consciência humana sobre sua própria condição. As tecnologias são ruins? Não. Ruins

são os usos que delas fazemos quando não temos consciência clara do que fazemos; criamos, mas temos sido dominados por nossos inventos. Isso é sinal de uma intensa nebulosidade de pensamento e de sobreposição do “Eu” sobre o “Nós”, da “Parte” sobre o “Todo”.

A partir desse espírito, vale tudo para conseguirmos o bem-estar que queremos, mesmo que isso nos custe caro a longo prazo, afinal, o que importa mesmo é o hoje, o agora. Evidente irracionalismo; definitivamente, evolução não é sinônimo de bom, de melhor. É necessário, portanto, reinventarmos relações mais benevolentes e sinérgicas com a natureza, com maior colaboração entre os povos, culturas e religiões.

Para minimizar a crise ecológica, concordo com a postura de muitos ecologistas (filósofos e religiosos) sobre a necessidade de encontrarmos uma base global para uma mudança planetária. Essa base parece ser a de uma ética mínima, ou seja, um apoio amplo. Essa coalizção, como disse Cristovam Buarque em seu livro “A segunda abolição”, será feita por razões éticas, muito mais do que por razões políticas. Esse pacto ético, por sua vez, como disse Leonardo Boff em seu livro “Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos”, deve ser fundado não tanto na razão, mas no “Pathos”, na sensibilidade humana e na inteligência emocional dos seres humanos, expressas pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica e pela compaixão, a capacidade de sofrer com, de simpatizar universalmente com tudo que sofre, visando não somente a humanidade, mas todas as formas de vida do universo.

Essa postura, acreditamos, será capaz de sensibilizar e comover as pessoas, movendo-as para uma nova ação histórico-social fortemente marcada pela utopia da libertação de tudo e de todos.

O ensino democrático

Diz Boaventura Sousa Santos que *“temos o direito a ser iguais quando as diferenças nos inferiorizam; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”*. Essa frase do filósofo português se encaixa

bem no contexto da necessidade de democratização escolar, pois o que está em jogo não é somente uma igualdade descaracterizadora das relações, mas exatamente uma desigualdade que torna uns inferiores a outros dentro do ambiente escolar. Sendo assim, o que se quer dizer, a priori, com democratização do ensino não é o mesmo que popularização do ensino, mas, sobretudo, de democratização das relações.

Conforme pensamento pedagógico já solidificado desde o século XVI com as reflexões de Montaigne, estamos sempre ensinando e aprendendo, de tal modo que a escola apenas formaliza isso; toda relação humana é uma relação pedagógica e política. Não estamos querendo parecer óbvios demais, mas é imprescindível: relação sem diálogo não existe, e diálogo sem respeito e abertura ao outro também não.

Neste contexto, várias iniciativas de democratização têm sido tomadas pelas mais variadas instituições educacionais pelo mundo afora. Os famosos grêmios estudantis, as associações de pais, a corresponsabilidade entre professores e instituição, a criação dos Conselhos de Escola, as eleições de diretores de escolas etc., são exemplos claros dos esforços realizados. Mais importante, porém, que os fatos em si, são as significações que atribuímos a eles. Como dizia Foucault, nenhuma prática educacional possui um valor intrínseco, necessitando de uma significação que é dada na relação, no discurso, na atribuição de regimes de verdade, sem efeitos garantidos.

Neste ponto, cabe reenfatizarmos, então, que a escola é mais que uma mera estrutura administrativa, um ambiente frio de burocracias, mas é um grupo social vivo, onde convivem pessoas humanas sempre em desenvolvimento. Sendo assim, mesmo sua dimensão administrativa deve se expandir, de tal modo que as práticas democráticas tenham prevalência em todo o interior das instituições de ensino. Mais do que um lugar de preparação para a vida, a escola já é viver.

Chegados a este ponto, é absolutamente indispensável para a efetivação de um modelo verdadeiramente democrático de se fazer escola a afirmação da autonomia do aluno, como sujeito da própria história. Tomar

como pressuposto a liberdade do aluno é capital para um processo educacional não fixo que possibilita o enriquecimento mútuo e o verdadeiro respeito entre as diferentes pessoas.

Enfim, a proposta é que haja sempre mais investimentos no capital humano, com esforços em defesa do direito de todos da escola estarem juntos, aprendendo e participando sem nenhuma discriminação. O ensino democrático é, portanto, um não à escola elitista, segregadora, padronizada e homogênea, que tem como modelo um aluno ideal, um funcionário ideal, um professor ideal, produtos acabados... Em verdade, eles não existem.

Alunos e professores em busca de excelência

De um lado, a abordagem de como ser um bom aluno, de outro, como ser um bom professor. E uma conclusão comum: dedicar-se com afinco ao que se faz, ter a família envolvida no processo educativo, visar metas ousadas, amar a sabedoria (filosofia) e ser resiliente. Vamos comentar cada uma.

A dedicação profunda ao que se faz traduz-se com o imperativo de viver intensamente cada momento de nossa vida. Para o aluno, o momento de formação escolar – sobretudo a formação básica – é uma hora ímpar, que não se repetirá e, além do mais, já é um vislumbre do futuro que se aproxima e que não é fruto do acaso, destino, mas consequência de nossas escolhas. Sim, o futuro é a consequência das escolhas que fazemos. Não obstante, também o professor – que deverá ser um eterno aluno – que não vive intensamente sua vocação não poderá arrancar de si suas potencialidades mais eficazes; a situação atual de nosso país deixa claro: o professor que busca motivações “ad extra” para efetuar um bom trabalho está fadado à frustração; as motivações mais sólidas são aquelas que valem a pena por si mesmas, e são interiores. É por isso que a dedicação ao que se faz deve ser uma dedicação profunda e, sendo assim, só subsistirá pautando-se no profundo, “ad intra”.

A importância do envolvimento familiar, por sua vez, se impõe por sua obviedade: os pais são os primeiros educadores dos filhos e não poderão jamais esquivar-se dessa responsabilidade. Os pais que são presença carinhosa e dedicada na vida dos filhos também são a grande fonte de sucesso dos filhos, de tal modo que o professor que souber usar bem essa chave, traçando planos em comum com eles, terá mais êxito em sua atividade docente, pois encurtará distâncias; e encurtar distâncias é fundamental para que a escola democrática, dialógica e construtivista aconteça. Não basta, portanto, enviar os filhos à escola, é preciso participar ativamente do processo de conhecimento deles.

Por outro lado, visar metas ousadas significa dar à vida a dignidade que lhe cabe. Metas ousadas colocam ambos, alunos, pais e professores, em movimento dinâmico, em diálogo consigo mesmos na busca da superação dos aparentes limites, em diálogo com uma sociedade sempre mais estimulada e estimulante. Priorizar o pequeno, o mesquinho, é construir uma vida pequena, mesquinha, sem muita expressão; um reducionismo fatal.

Amar a sabedoria: eis o segredo de quem se põe em caminho na trilha do conhecer. Isso significa que o estudo, por excelência, deve ser filosófico (“Philos” = amigo; “Sophia” = sabedoria). Valorizar o estudo com uma postura filosófica condiz exatamente com a própria dignidade mais profunda do ato de conhecer: amar o conhecimento por ele mesmo. Amar o conhecimento, sem reduzi-lo ao mero utilitarismo, tornará a atividade cognitiva mais digna, suave, prazerosa e eficaz. Somos seres racionais, e a aquisição de conhecimento pelo simples fato de conhecer torna-nos mais plenos, realizados. Também o professor deve ter postura filosófica, pois o espírito filosófico, livre de todo sistema é, com efeito, a própria forma do saber e penetra o conjunto das matérias. Portanto, tanto os alunos quanto os professores que amam o saber estão, inevitavelmente, “condenados” a serem pessoas mais felizes e completas.

Não obstante, a resiliência é uma outra postura humana irrenunciável ao aluno e ao professor, pois ambos estão sempre em contato direto

com a necessidade de superação e com a ameaça constante do fracasso. Todavia, uma pessoa resiliente sabe aprender com as próprias quedas, sabe recompor-se de uma situação delicada e possivelmente traumática, pois aprendeu a dar valor somente àquilo que é digno de si.

Enfim, fica claro que tanto o aluno quanto o professor, para serem bons naquilo que fazem, devem ser pessoas sempre em busca do íntegro e do integral, do universal e, deste modo, buscando cada vez mais a totalidade das coisas, buscando o todo, também deve estar aberto a todos, cada vez mais em exercício da capacidade crítica e amando o saber, reconhecendo que não dá pra ser um bom conhecedor sem uma postura filosófica. Não podemos aceitar nada menos que a excelência. Como dizia Kant, “a maior e talvez a única utilidade da filosofia é apenas negativa; ao invés de descobrir a verdade, tem somente o mérito modesto de evitar erros”.

A essência da existência é o existir

Uma discussão que marca a reflexão de bons nomes da filosofia, tais como Karl Jaspers, Platão, Tomás de Aquino, Sartre, Heidegger, Descartes, Nietzsche etc., é a relação existente entre essência e existência. Qual precede qual? Qual é mais importante? Qual existe de fato?

Neste aspecto, a Filosofia da Existência, por um lado, pretende afirmar que não existe uma essência pré-determinada e, deste modo, a vida se faz concretamente. Ora, a essência seria algo formado ao longo do próprio existir, ou seja, não há um modelo essencial sob o qual a existência se desenrola necessariamente. Sendo assim, ocorre nesta corrente uma valorização da vida enquanto tal, construída diariamente, feita por escolhas inéditas, pessoais e intransferíveis, ainda que seja constantemente tentada à parcialidade, assumindo um aspecto da existência em detrimento de outros.

Por outro lado, a Filosofia da Essência pretende afirmar que a existência se desenvolve a partir de uma essência metafísica originária que precederia o existir. Ora, a essência seria algo dado que, ao contrário da

Filosofia da Existência, não é formada pelo existir concreto, mas, antes, é ela quem forma o próprio existir de modo arquetípico. Sendo assim, ocorre nesta corrente uma valorização de uma espécie de unidade originária nas várias manifestações individuais da vida, orientando a própria vida em suas escolhas e construção, ainda que seja constantemente tentada à formatação e ao distanciamento da realidade concreta.

Pensamos que – salvas as exigências de complementação entre ambas as correntes – a Filosofia da Existência contribui efetivamente para a construção de uma educação condutora à liberdade e à autenticidade de vida, especialmente pelo seu aspecto imensamente realista. Ora, a vida é, de fato, construção do próprio vivente e, ainda que lhe sejam dadas várias possibilidades de desenvolvimento do ser, as escolhas tomadas por ele são sempre pessoais. Uma educação que apresente o educando a si mesmo, lúcida e criticamente, que lhe permita ser um construtor bem sucedido de seu próprio existir, é mais que desejável. Temos sim uma essência: a humanidade, somos humanos, e isso é suficiente. A existência é, essencialmente, um projeto aberto com consequências inevitáveis em cada escolha: liberdade e responsabilidade.

O modelo existencialista, portanto, tem a positividade de não se apoiar em fundamentos a priori, em modelos fixos e engessados. Restamos perguntar se o modelo educacional está preparado para isso; se os autores escolares estão dispostos a encontrar novos métodos educacionais que não sejam meramente pautados na dinâmica custo/benefício, ou numa moralidade com imperativos hipotéticos (faça A se quiseres B); se a gestão está preparada a lidar com os efeitos de uma pedagogia que eduque o aluno para a responsabilidade por suas escolhas e não apenas para que seja um repetidor de padrões existenciais causados pela coação escolar (talvez ela não esteja preparada para lidar com este novo tipo de aluno porque ela mesma não é assim, não passou por esse processo de transformação)... O modelo educacional está reparado para isso? Ao ser apresentado a si mesmo como autor da própria existência, o educando pode – e deve – perceber que ele é um sujeito ativo e que, de algum modo,

a sociedade depende dele para ganhar possíveis novos rumos, pois seus valores criados poderão orientar o próprio sentido da vida social como reflexo da vida humana enquanto tal.

Mulher¹

Fale de ti mesma o que te é digno.

Fale de ti mesma o que o mundo precisa saber, o que o mundo precisa aprender para reconhecer que sem ti ele não é o que é.

Fale de ti mesma os silêncios que te calaram, os choros que te choraram e que, ainda assim, não foram suficientes para que te calassem para sempre.

Fale de ti mesma a mulher que mereces ser, e que, ainda que não a sejas pelos outros, já és mesmo que não saibam.

Fale de ti mesma o que de ti não disseram ainda e o que disseram de modo errado, por não haverem aproximado de tua natureza tão sublime.

Fale de ti mesma para o mundo, do quanto te oprimiram e ainda insistem em oprimir.

Fale de ti mesma que não te venceram os vencedores, porque sabes vencer mesmo quando a luz se esconde, pois a luz que carregas é toda tua, ofuscante e suave.

Fale de ti mesma que as opressões que suportaste são pela luz que carregaste, e não há como roubá-la.

Fale de ti mesma, sobre o quanto livre és, e que não sucumbirás, lutas forte como flor.

Fale de ti mesma, e que tua voz a todos cale, que tua voz a todos fale, e que o mundo reconheça que 8 de março é todo dia, que a mulher é soberana, sombra e luz, choro e sorrir, e não há quem te supere na graça de existir.

¹ Dedico esta pensata, especialmente, a três grandes mulheres: Alice, Iraceli, Mariana.

Sobre assistencialismos contemporâneos

Pescar muita gente sabe, mas sem vara, sem linha, sem isca, sem peixe, sem rio, fica mais difícil. Me parece um mal necessário. Mas vamos refletir.

Há pouco tempo, tivemos acesso a um fatídico acontecimento que, por sua vez, evidenciou um pouco das patologias políticas do Brasil: foi veiculado o suposto fim do programa “Bolsa Família”, ocasionando uma verdadeira euforia coletiva, tanto por parte daqueles que se beneficiam do Programa, quanto daqueles que fazem desse Programa uma forma de se sustentarem no governo.

O que o distinto boato gerou, na verdade, leva-nos a pensar num problema efetivo: e se o distinto programa realmente acabar, o que o governo terá dado de mudança efetiva aos seus “beneficiados”? Ora, os paliativos são necessários enquanto paliativos e não como remédio principal. Muito menos deve-se fazer do paliativo uma superpropaganda de governo. Basta um pouco de sensatez e honestidade intelectual para percebermos que o tamanho do susto levado pelos beneficiados do dito Programa, que saíram correndo para sacar algumas migalhas do Banco, é sinal de que algo está errado com ele... Se ele for apenas um assistencialismo provisório, então é aceitável... Mas o Brasil precisa vislumbrar um horizonte de abandono desta prática, pois se assim não ocorrer, é sinal que pouco se tem mexido na base do problema.

Nada, atualmente, nos exime de olhar criticamente para ele e para o Brasil... O déficit histórico de 500 anos da política no Brasil não merece uma confiança cega e ingênua. Não queremos retrocesso a um elitismo político com o retorno de governos compromissados excessivamente com a lógica destrutiva do capitalismo.

O que está em jogo é a dimensão humana em sua abrangência; uma vez substituída a dignidade humana pela dignidade do produto que passa a valer bem mais que o produtor, o histórico de alienação tem pouca chance de ser substituído. Mas a situação também é péssima quando os

assistencialismos viram armas propagandistas, populistas e desumanas, mexendo nos efeitos, mas com pouca disposição para trabalhar na causa. Sigamos de olho aberto, pois queremos ver horizontes bem mais sólidos nos próximos anos do que as instabilidades dos programas e modelos vigentes.

Marx vive! E o capitalismo também!

A partir do momento que o que rege as relações humanas é o consumo, e não a própria pessoa humana, vários problemas se impõem. A vida humana não se mede única e simplesmente pela utilidade.

Quando a pessoa é vista não como pessoa, mas como um “consumidor”, o processo de alienação alheia pode chegar a graus elevadíssimos (e vale lembrar que todos os serviços mercadológicos possuem um SAC: serviço de atendimento ao “consumidor”). E existe aí uma lógica clara, fundamental para que o sistema capitalista se mantenha: “uma sociedade altamente produtiva precisa fazer do consumo o seu projeto de vida”, e tornar isso natural.

Isso já ficou tão enlacrado na vida das pessoas que, mesmo quando lutam por melhorias sociais, elas quase sempre lutam de um modo a reforçar o sistema opressor ao qual estão submetidas. Como isso? Hipervalorizando o dinheiro ao colocar a “necessidade” de aumentar seu próprio poder de consumo como fator essencial para a vida. É neste sentido que o trabalho, que deveria ser produtor de realização humana, se transforma em produtor de alienação humana.

Reconheçamos: de fato o capitalismo procurou ao longo dos vários séculos e fases de sua existência humanizar seu processo, mas não teve o êxito necessário. Quando se diz que “o que confere valor a uma mercadoria não é o trabalho, mas a sua utilidade” inverte-se a lógica da vida, colocando a mercadoria e a própria lógica do mercado acima daquele que trabalha e consome aquilo que produz. O trabalhador ganha 1.000 reais por mês, mas produz 10.000 reais mensalmente; os outros 9.000 reais que ele produz

ele nem vê (Mais-Valia), por mais que parte desse valor seja reinvestida na própria empresa; no mínimo, a distribuição de renda não é nada justa, o que não deixa o próprio sistema ser tão justo assim.

Além do mais, o sistema cria uma massa de desempregados como garantia de manter a exploração daqueles que estão empregados; “se você não está satisfeito com a condição do seu trabalho, saia, peça demissão, tem um ‘monte de gente’ de olho na sua vaga”. Quase sempre é essa a resposta que o trabalhador recebe quando reivindica melhorias. E isso tudo acontece por qual objetivo? O lucro. É claro, se o lucro é visto como o mais importante, então são as lógicas lucrativas os elementos mais importantes, e não a pessoa humana.

O trabalho, de fato, tem como uma de suas características a produção de riquezas, mas dentro do sistema capitalista a apropriação desta riqueza é sempre restrita a um grupo seletivo. As ideologias no mundo capitalista tendem a defender a ideia de que no trabalho busca-se a dignidade. Entretanto, não é difícil perceber que, nessa suposta busca por dignidade, muitos se sujeitam ao indigno, ao vergonhoso, gerando benefícios apenas para alguns privilegiados. Isso é algo a se pensar, principalmente quando os primeiros defensores dessa realidade são os próprios oprimidos que sonham chegar ao topo e “virar patrão”, e não mudar em nada essa realidade.

A globalização – a universalização da economia e dos recursos econômicos envolta a uma intensa máquina propagandista – foi uma das maiores e mais inteligentes saídas que o capitalismo encontrou para se manter e aumentar mercados. O sistema socialista, por sua vez, é caracterizado por não permitir a propriedade privada dos meios de produção. Ou seja, o Estado, controlado pelo proletariado, é o responsável pela gestão dos planos econômicos e das riquezas, impondo sua ideologia, de tal modo a fazer com que os cidadãos pertençam a uma única classe social, a classe trabalhadora². Quando essa nova realidade se impuser e se tornar tão

² Nesse período provisório do socialismo, acontecerá um fator fundamental para a teoria marxista: haverá a transformação da infraestrutura (a condição material de uma sociedade, em sua relação com a produção pelo trabalho) e, conseqüentemente, a transformação da superestrutura (a condição imaterial da sociedade, suas ideologias políticas,

natural quanto é para nós hoje a propriedade privada, aí sim haveríamos de ter o comunismo, sem Estado para intervir e oprimir, pois as pessoas buscarão o necessário, continuarão procurando o desenvolvimento tecnológico, os avanços sociais, medicinais etc., mas não mais envolvidos pela lógica do mercado e do lucro privado.

Entenda-se, deste modo, por qual razão a globalização foi uma grande invenção do capitalismo atual: porque o comunismo, quando pensado por Marx, não estava se contrapondo a um capitalismo tão global e ideologicamente estruturado quanto o de hoje, nem estava diante de uma sociedade também tão global e universalizada. Difícil implantar um comunismo diante de uma sociedade tão plural e envolvida por propagandas eficazes de imposição de sua visão de mundo e de homem.

É preciso, portanto, renovação reflexiva, sobretudo por meio de um projeto político e econômico que harmonize capital e trabalho, trabalhando pelo amadurecimento da democracia e, acima de tudo, por uma organização social que primeiro se preocupe com a pessoa humana, com a dignidade de todos, com condições justas de acesso aos programas de desenvolvimento social, de valorização ampla do trabalho em todos os seus setores e que a política não esteja mais refém da economia.

Manifesto pela educação, pela democracia e pela dignidade integral da pessoa humana³

Comemora-se em 20 de Maio o DIA DO PEDAGOGO, um profissional importante para a vivência educacional de todos nós. Entretanto, não escrevo este texto para “dar os parabéns”, e sim para ensinar coragem e força a todos os profissionais da educação e aos trabalhadores e trabalhadoras em geral.

filosóficas, econômicas, religiosas etc...). O que isso significa? Significa que, segundo a consciência marxista, não é a consciência que determina a vida, mas são os fatos objetivos materiais concretos que determinam as consciências e ideologias. Ou seja, as condições materiais de uma sociedade condicionam as relações entre os homens; primeiro muda-se a realidade material da sociedade, e depois a mentalidade dos seus membros.

³ Esse texto foi originalmente publicado em <http://www.anped.org.br/news/manifesto-pela-educacao-pela-democracia-e-pela-dignidade-integral-da-pessoa-humana-colaboracao>.

Vivemos tempos em que necessitaremos cada vez mais de pedagogos conscientes de que a educação é um grande bem a ser defendido e, especialmente, uma realidade a ser pensada, com criticidade, pelos próprios profissionais da área. No Brasil, o ataque à educação tem se tornado cada vez mais frontal e sistematizado e, há tempos, é veiculado um discurso que a coloca como ideologicamente perigosa, profissionalmente ociosa e economicamente onerosa. Temos a impressão de que isso foi tomado, efetivamente, como projeto de governo, engolindo qualquer política de Estado que vise a uma promoção integral da dignidade e da importância da educação.

É hora dos pedagogos, professores e educadores em geral se unirem numa grande defesa da educação humanizada, crítica, bem pensada em seus desenvolvimentos e práticas, discernida em seus objetivos, para que não caiamos ainda mais no discurso mercadológico que sufoca a atuação dos profissionais da educação e submete todo o complexo pedagógico a um estado de servilismo ainda mais desumanizante e de sucateamento.

Infelizmente há um claro projeto em curso, marcadamente economicista e, como tal, genocida em última instância, pensado na perspectiva de fragilizar mesmo a educação e o trabalho, de sucatear mesmo, que difunde a retórica de que o professor é uma peça ultrapassada e que pode ser substituída por processos de robotização e afins; a maquinaria socioeconômica trabalha para desconstruir a educação ou, pelo menos, para absorvê-la por completo como serva, como escrava do projeto agora ultraliberal. Esse projeto não consegue vislumbrar desenvolvimento sem atacar a classe trabalhadora, sem atacar a educação. Além do mais, tal projeto não consegue pensar a noção de “desenvolvimento” para além da compreensão reducionista do economicismo e do tecnicismo: para ele, jamais o desenvolvimento será entendido em suas dimensões verdadeiramente humanas, como algo a serviço da dignidade de todas as pessoas e da pessoa no seu todo.

Há um verdadeiro desmonte mesmo, uma verdadeira arte de agredir, uma verdadeira cultura de morte, que não se solidariza humanamente

com nada e diz “e daí” para todos. Que concepção de ser humano há nos ministérios dos nossos governos? Que compreensão de mundo há nessas pessoas? O que temos visto é a difusão de uma ideologia que mata, que não quer entender a realidade de forma sistêmica nem o ser humano de modo integral, e que não dá sinal de querer ressignificar-se humanamente.

Assim, diante do cenário de crise econômica que vivemos, especialmente por conta da pandemia de coronavírus, toda saída da crise que for apresentada será ainda mais desvalorização da educação e do trabalho, ainda mais manifestações de ódio, mais ataque e precarização das condições laborais, dos direitos trabalhistas, da carreira docente e da experiência discente. Entretanto, não nos enganemos, essa crise e essa falsa solução para ela já estavam em curso há muito tempo! O coronavírus é só uma “desculpa perfeita” para que seja imposta essa agenda desumana.

E tal agenda trabalha com a pressão, com o medo, com a ameaça... Não permite que a classe trabalhadora em geral, e a classe docente especificamente, tenham tempo e condições favoráveis para pensar a realidade laboral e a educação como um todo nem mesmo a pragmática educacional. O sujeito trabalhador fica pressionado o tempo todo, esmagado pela burocratização, pela ameaça constante de não receber o seu mísero salário, seu salário de fome, e, para piorar, é ameaçado e assediado moralmente com um empreguismo efficientista que diz que ainda avaliará seu desempenho e condicionará a isso sua progressão de carreira, sua estabilidade no emprego e por aí vai... Que carreira? Que progressão? Que estabilidade? Que emprego? A cada dia esses direitos todos são triturados, sistematicamente reduzidos a pó. Mas, quando é conveniente, a miséria a que eles foram reduzidos ainda é usada como mais um instrumento de opressão e de manutenção do subemprego. Os profissionais da Educação Básica, especialmente, são ainda mais massacrados, falta-lhes muito consideravelmente a chance de aperfeiçoamento na carreira; quem quer buscar alguma especialização tem que praticamente se matar para dar conta dos desafios, 24 horas por dia não se tornam suficientes para uma carga tão desumana

de tarefas, esmigalhando sonhos e fragmentando perspectivas... Muitos são completamente expostos, explorados, escravizados, e nem sempre temos a chance de enxergar isso, anestesiados que estamos com as próprias “pauladas” que levamos e os inúmeros afazeres burocratizados e sem vida a que somos submetidos.

Uma das grandes pautas de agora são os usos das tecnologias na educação. Ora, as tecnologias nem são propriamente o problema a ser considerado, mas sim a forma como elas são apropriadas. No sistema ultraliberal em que vivemos, elas são apropriadas como fonte de aumento de lucro para um grupo pequeno, grupo esse que quer nos obrigar a amar o que nos esmaga humanamente. Precisamos entender que a resistência de muitos educadores às novas tecnologias (não tão novas assim mais) é, na verdade, resistência à conjuntura de uso delas. Se as usarmos tal como estamos sendo obrigados a usá-las, sabemos que estaremos sendo peças-chaves para a perpetuação de um status quo de desumanidade e de exploração de nós mesmos que já perdura há anos, para alimentar o círculo vicioso de um projeto socioeconômico que só veio para explorar a muitos e dar chances a poucos. A resistência que se vê é sintomática, escancara o mal-estar da nossa civilização. Não é resistência porque “professor é vagabundo” e “não gosta de trabalhar”... O ser humano gosta de trabalhar, o trabalho é um dado antropológico (somos “homo faber”, “homo labor” etc.), o trabalho é fonte de realização humana; mas, na forma (ou modo) como está posto há centenas de anos, ele tem sido fonte de alienação humana, de destruição humana. O que está em jogo, então, não é gostar ou não de trabalhar, porque o que temos aí diante de nós não pode ser classificado como “trabalho”, nem “remoto” nem “humano”.

Precisamos dizer: não, a educação não é onerosa, a educação não é ociosa, a educação não é perigosa! Entretanto, para o projeto de sociedade típico dos defensores do ultraliberalismo, sim, a educação sempre aparecerá como peso econômico, pois eles jamais a considerarão um espaço digno de investimento humanizado (eles a vilipendiam como escrava econômica que não gera lucros); para eles, sim, a educação sempre será um

redil de ociosidade, pois já consagraram em si mesmos a imagem do pedagogo e do professor como “preguiçosos”, como “folgados que só trabalham meio período” e “tiram muitas férias ao longo do ano”, sem jamais conseguirem enxergar esses profissionais desenvolvendo suas funções para além dos muros e dos horários em que se encontram no interior de suas instituições de ensino; para eles, sim, a educação sempre aparecerá como perigosa, pois gente que pensa será sempre uma ameaça para os seus ideais de transformação da coisa pública em bem privado, em coisa de família, em serva de grupos oligárquicos, em instrumento de obscurecimento da consciência do trabalhador sobre sua própria condição.

Se a dignidade humana do trabalhador não é verdadeiramente respeitada e promovida no cenário trabalhista, tal trabalho jamais poderá ser considerado uma coisa digna, pois ele, na forma em que se efetiva, não dignifica aquele que trabalha. Não vale tudo para simplesmente manter empregos! Não vale dar um “sinal verde” [e amarelo] para sucatear a realidade do trabalho a fim de manter o emprego do trabalhador, porque esse tipo de trabalho não traz realização, e sim alienação e destruição como foi dito.

Ou o ser humano, considerado integralmente, se torna concretamente o grande bem a ser defendido e promovido, e o verdadeiro protagonista deste processo, ou o que teremos continuará sendo o intenso ataque à humanidade dos trabalhadores em nome da lógica lucrativa. E o papel dos pedagogos, professores e educadores é decisivo nessa conscientização humanizada. Uma atividade pedagógica crítica será, nestes tempos, a grande voz em defesa da democracia e da dignidade integral do ser humano, e também a grande voz em denúncia da lógica mercadológica que quer reduzir o antropológico à condição de recurso servil.

Não há resposta pronta nem saída fácil para tudo isso. Mas, sem criticidade, trava-se a criatividade que liberta, e acaba-se inventando coisas que nos maltratam ainda mais. Um pedagogo não será jamais somente uma peça funcional de planejamento, execução e coordenação de atividades de mais um “setor” do complexo social... Ele é pessoa humana, que

pensa no humano, que promove o humano e faz uma ciência que é, de fato, humana.

Enfim, o contexto exige consciência, o contexto exige resistência, o contexto exige docência, exige promoção da discência e clama decência. E são os profissionais da educação os grandes responsáveis na condução desse combate de lucidez, profetismo e esperança que tanto necessitamos. Por isso, mais que “dar parabéns” no dia do pedagogo, é hora de ensejar coragem e força. Há uma grande luta pela frente, e ela já começou. Vamos juntos, avante!

Parte II

Devaneios [mais ou menos] religiosos [ou sobre religião]

Amor de amante

Quero falar de amor. Não sei se me sairei bem com as palavras, com a reverberação do que sinto; parece que só sei sentir.

Será que é verdade que o amor e a dor caminham juntos? Será que amar para valer só é possível e verdadeiro quando dói? Não sei! Mas parece que essa dor não é uma simples dor, parece mais com algo relacionado à intensidade. Ou seja, tudo o que vivemos de modo intenso em nossas vidas é inevitavelmente dolorido, pois somos muito inclinados à superficialidade.

Permita-me um devaneio: como machuca, por exemplo, amor de mãe. Por quê? Porque é profundo, é intenso, é real... Não mente – não é a mentira que nos machuca, mas é a verdade que descobrimos sobre a pessoa que mente. Mãe é mulher que toca com os olhos, que toca com a voz, que toca com o silêncio... Tudo nela revela-nos que somos amados. E, sem saber explicar, interiormente algo em nós se transforma, transmuta, explode...

Mas uma coisa nisso tudo é estranha: esse amor nos envolve, mas não nos retém por completo. Parece que o amor verdadeiro não é narcisista, não atrai para si, mas, ao contrário, empurra para frente. O amor me diz: *“Vá! Não pare! Caminhe! Eu vou com você! Em você!”*. É estranho: eu pensava que o amor era um fim, mas parece ser um meio... Um meio, ou melhor, o meio para tornar a vida bela, grande e digna. O amor parece ser uma lei, a lei que deve reger nossas condutas, a fim de que elas ganhem

em qualidade, em profundidade, em intensidade... Em verdade. É mais: o amor é o todo!

“Por que, ó Amor, permites-me partir? Por que, amando-me, permites que eu vá para longe de ti? Ou aonde quer que eu vá, tu também vais comigo? É verdade: se és a lei que nos rege, estás, portanto, sempre em nós, maestrando nossa vida. E mesmo se não fosses comigo, por amar-me tão intensamente e, ao mesmo tempo, tão pleno de liberdade, sem reter-me, me farias voltar a ti, Amor que me torna livre. Se me retiveste, porém, o máximo que me darias era o desejo de abandonar-te pelo caminho e de perder-me em outros amores. Mas como me amas sem prender-me a ti, sinto o desejo de voltar sempre. O retorno a ti me orienta, me dá segurança... Segurança para voltar ao caminho, para continuar caminhante, para mergulhar. Ó, Amor, estranhamente, me levas para frente, não me deixas cristalizar nem estacionar no que já conquistei... Ordenas-me que eu viva, e viva plenamente, intensamente, inteiramente”.

Por isso, talvez, o madeiro da cruz tanto me atraía... É amor de verdade. Foi o Amor que pregaram ali... Não sei como, mas tenho certeza de que foi o Amor que cravaram naquele lenho. *“Olharão para Aquele que transpassaram”* (cf. Zc 12, 10; Jo 19, 37). Depois que olhei, fiquei marcado pelo vi. Não sei o porquê, mas foi o Amor que vi ali, e aonde vou não consigo desvencilhar-me desta marca... Existe dor nesse Amor da cruz? Existe. Mas nele plenifico-me, ainda que por um instante.

“Mas por que tua primeira e grande lei é o imperativo de que eu parta? Por que não consigo ficar aqui, somente eu e Tu?”. Talvez porque o “nós” não seja junção de dois, mas de três: do “eu”, do “tu” e do “ele”; isoladamente ninguém se resolve! E o amor é a lei que media essa relação; e o amor é o hálito vital que nos torna vivos e, portanto, aptos para caminhar desta forma: amando. E quando for pra morrer, só se for pra morrer de amor. Grande caminho!

Altars

É verdade! O homem é realmente “*homo faber*”, um ser criador, poético (e poético), que está sempre em busca de fazer algo. Criamos o tempo todo: criamos técnicas que facilitam a comunicação, recursos que “*extensificam*” nossas limitações físicas, psíquicas, racionais; a própria escrita é uma técnica de armazenamento de fácil acesso: registrar momentos intensos (e nossa emoção está sempre em jogo) é uma forma de não permitir que algumas experiências, traumáticas ou não, não se escondam absolutamente no inconsciente.

Pois é... Somos “bons” criadores. Bons não no sentido de que nossas criações sejam realmente boas, mas no sentido de que criamos muito, o tempo todo. Mas, seja como for, criamos. Também criamos conceitos e preconceitos; criamos expectativas e esperanças. Como somos doentes e esburacados, “cheios” de “vazios”. Cobramo-nos, sentimo-nos cobrados, e acabamos nem percebendo que já estamos dando muito de nós mesmos, de nossos esforços, a tal ponto que vamos perdendo a gratuidade dos fatos. Nossa doença faz de nós pessoas finalistas, teleológicas, amantes dos resultados finais; só que por nos cobrar demais, os resultados a que chegamos – e isso é uma consequência lógica – quase sempre nos desagradam.

Estou ficando farto de expectativas! Tenho notado que algumas pessoas esperam muito de nós e se decepcionam quando percebem que os resultados de nós esperados não atingiram suas expectativas. Só que a infelicidade disso tudo não é nem essa tal decepção, ou seja, não se fica triste porque a pessoa não conseguiu chegar a tal meta, ou por não ter atingido tal expectativa pela pessoa mesma, mas pela meta, pela expectativa, por causa do amor apegado ao projeto. Afinal, tal circunstância revela a fragilidade e a ineficácia desse projeto, e isso fere o orgulho do “*homo faber*”, do criador do projeto. Como seria bom se o outro se anulasse e se deixasse plasmado, mas como isso não aconteceu... Culpa do projeto? Não. Culpa do outro – “rebelde” – que não se abriu totalmente ao projeto, que não se

deixou formar. De repente, o dono do projeto – que gosta de brincar de Deus Criador – percebe que “a sua criatura” possui vida própria. E o que fazer agora? Claro, por amor ao projeto – sempre disfarçado de amor ao outro – nada mais justo que tomar as devidas medidas administrativas, algumas sanções, sobretudo, de cunho controlador... Ah! Sem esquecer-se de bancar a vítima. Afinal, o todo – o projeto – é muito maior que a parte – a pessoa humana, o indivíduo – para ele.

Todavia, já que a capacidade criadora é um dado antropológico, ou seja, já que somos um “*homo faber*”, não podemos nos esquecer que do outro lado também há projetos, expectativas e, conseqüentemente, decepções. Quando uma pessoa chega a uma conclusão dessas acerca da outra, o sentimento de decepção também é gritante, extremamente evidente. E repito: por que há decepção? Porque também deste lado havia uma expectativa e um projeto. Qual? Pensar que o outro também estava disposto a se anular para satisfazer a sua vontade. Isso significa que, se uma pessoa decepciona-se assim com a outra, seja ela um líder ou não, é porque ela também criou esperanças e expectativas; como uma espécie de Deus Criador também, ela concluiu que “a sua criação” (o outro) também possui vida própria – e tão egoísta quanto a sua. Na verdade, ambos os lados acabaram brincando de Deus Criador, tentando projetar no outro suas expectativas pessoais e, na ânsia de se ajoelhar em adoração diante do objeto plasmado, modelado, criado, acabaram percebendo que ele não era tão digno de adoração assim. Brincar de Deus Criador é ainda mais comum do que brincar de Deus Adorado, muito embora em ambos os criadores também haja um desejo implícito de ser adorado, admirado como o senhor perfeito.

Que pena! Acabamos nos esquecendo que ninguém é perfeito, que ninguém é bom suficientemente até o ponto de ser inquestionado, intocado ou mesmo adorado. Precisamos nos permitir entrar em um intenso e permanente processo de libertação das figuras alheias que criamos interiormente, dando sempre o melhor de nós em nossa vida, mas sem procurar responder às expectativas que os outros criaram sobre nós; isso

pode fazer com que também procuremos, de modo um pouco mais sadio, tornar o outro livre, deixando claro para ele que as expectativas que ele possui sobre nós não nos são tão importantes o quanto se pensa. Também passa pelo caminho para a liberdade o caminho da autolibertação das expectativas que criamos acerca do outro e das expectativas que criamos sobre nós mesmos.

Doação, sim! Anulação, não! Fazer a experiência dos próprios limites e superações quando não se têm satisfações excessivas a satisfazer e a dar – nem para si nem para os outros – é muito melhor, muito mais leve e mais bonito. Procurar cumprir os compromissos assumidos é bom, louvável e necessário, mas a dignidade e a intensidade com que se faz o percurso são, no final das contas, muito mais importantes que o resultado final. E lembrando sempre: a dignidade da intensidade e a intensidade da dignidade é o santuário da consciência quem dirá: da própria consciência, e não da consciência do outro. E tudo isso, sem apegos, sem prisões, sem “reificações” ... Livremente.

Não devemos construir altares em nosso interior! Ninguém merece ser assim castigado, sendo visto como um ídolo.

A fé – uma questão de honestidade

Não nego: sou cristão, tenho fé, mas isso me incomoda profundamente; nem sempre sou muito satisfeito de ser assim. Mas é uma questão de honestidade sê-lo.

Ora, percebo muitas aporias nessa fé, muitas inconclusões, coisas inexplicáveis, verdades que me soam quase mentirosas, ilógicas, muitos autoritarismos e antropomorfismos... Mas experimento coisas que me parecem muito reais também. Deus parece tanto não dar a mínima para o que dizem e teologizam sobre Ele que isso quase que me prova Sua existência; Ele se me apresenta como alguém tão diferente de mim mesmo que isso quase que me prova Sua independência, Sua existência autônoma, que Ele não é uma projeção de minha mente. Eu e Ele somos quase água e óleo,

bem diferentes, de tal forma que isso me atrai mais ainda a Ele, sempre tão Ele, tão Ele que dá vontade de eu ser eu, tão eu, tão único, que isso me faz quase que acreditar realmente e totalmente que eu só pude ter sido criado mesmo por um Deus tão singular, tão bem resolvido, tão único e, por isso, tão despojado, tão livre, tão desapegado de Sua criação.

Ele é tão Ele, e eu chamado a ser tão eu, que sou levado a concluir que é provável mesmo que eu tenha sido criado por alguém que não depende em nada de mim, que não me quer dependente Dele, que coloca minha vida constantemente em minhas próprias mãos, sob tão minha responsabilidade, que acaba me gerando a paradoxal sensação de que, no final das contas, eu preciso Dele para ser como Ele e com Ele, ou seja, totalmente único, singular, diferente de qualquer outra criatura que tenha sido feita; e já nascida com uma condenação: condenada a ser si-mesma.

Às vezes me incomodo por ter a impressão de que muita gente acredita em anjos, em demônios e mesmo em Deus, mas não acreditam em si mesmas, única coisa cuja existência é um pouco mais evidente; me incomodo com as vezes frequentes em que eu também sou assim. Incomoda-me mais ainda a impressão de que a fé verdadeira não dá proteção, muito menos falsas seguranças, mas dá conflitos, desinstala, desconstrói e, assim, por outro lado, dá condições também de vitórias intensas, de descobertas fantásticas, de construções robustecidas. Sim, sou cristão, mas o cristianismo me incomoda... Incomoda-me e me encanta por não ser uma religião de respostas, mas uma religião de questionamentos, de solidariedade, de compaixão. Jesus me incomoda, a ponto de parecer-me incompetente; porém, fascina-me saber que, de Sua aparente incompetência em tirar o mal do mundo, Ele, na verdade teve a competência de trazer ao mundo o bem, essa força sutil, aparentemente frágil, mas que vai se irradiando de dentro para fora.

Quantas vezes os gestos de Deus parecem extrapolar os limites do bom senso. Sinto, por vezes, que preciso aprender a perdoar a Deus; perdoar a Deus pelos perdões absurdos que Ele nos concede; perdoar a Deus por Ele colocar a vida tão diante de nós; perdoar a Deus por nos obrigar a

viver; perdoar a Deus por nos obrigar a sermos felizes; perdoar a Deus por suas loucuras, por suas fraquezas diante das criaturas; perdoar a Deus por dar chances demais; perdoar a Deus pelo “sermão das bem-aventuranças”; perdoar a Deus pela mania de amar os que são dignos de ódio; por esse amor tão cheio de amanhã, de recomeço, de futuro, de “vai e não peques mais”.

Eu realmente tento não levá-lo a sério. Ora, como levar a sério, por exemplo, um Jesus que transforma 600 litros de água em vinho em um final de festa? Que vê santidade em Madalena? Que coloca Pedro à frente da Igreja? Que coloca Judas Iscariotes como ecônomo dos apóstolos? Que leva a sério as crianças? Que pergunta ao “cego” que milagre ele deseja? Que acolhe o filho pródigo sem fazer nenhum “sermãozinho”? Que acredita ainda na humanidade, mesmo depois de tanta “burrada”? Esses paradoxos me incomodam profundamente, mas não consigo não ficar encantado com eles.

Como fico incomodado quando vejo na Bíblia relatos de guerras feitas em nome de Deus, mas perceber que Deus mesmo parece não ter sido o inspirador daqueles derramamentos de sangue; como fico incomodado com o fato de perceber que, mesmo assim, parece que Ele continuou tendo pena e amor pelo Seu povo. Aliás, nem sei se Deus pode realmente ter pena de algo, se seu estatuto ontológico permite coisas desse tipo. Mas será que Deus não sabia que as carnificinas do Antigo Testamento levariam muita gente a afastar-se Dele para sempre e, sobretudo, das religiões, que deveriam ser caminhos para Ele? Como me incomoda às vezes, como cristão, ter que admitir que Deus também faz “milagres” em outras religiões que não a cristã. Ou Ele é bobo, ou é bem resolvido demais! Como me incomodam também os relatos do Novo Testamento em que Jesus, ao ter oportunidade de falar algo, usou de umas linguagens tão pobres, e outras vezes de umas linguagens tão figuradas que quase ninguém entendeu, outras ainda de umas linguagens tão duras que causaram afastamentos; parece-me incompetente: quando teve oportunidade de falar e de manifestar Sua força, falou de forma estranha, revelou-se fraco. Mas que

fraqueza é essa, tão forte?! Realmente, os que amam de verdade são os que mais precisam de perdão: ninguém os compreende!

Enfim, por essas e tantas outras coisas que ainda se me escapam sou cristão, tenho fé; bem verdade que extremamente incomodado, frequentemente à beira do ateísmo e da heresia. Confesso que até tento não acreditar, mas não consigo... Desaprendi a viver de outro modo. Tenho fé simplesmente por uma questão de honestidade comigo mesmo; se eu a negasse, estaria negando uma voz que me fala suave e misteriosamente, escapadiça, mas ausentemente presente, como uma nostalgia insaciável e sempre a ponto de ser saciada. Enquanto ela existir, continuarei aceitando seus incômodos e buscando-a... Buscando-me. Deixar de existir dentro de mim só depende dela; de minha parte, eu desisto de resistir.

Dom de amor

Como é triste saber que existem pessoas que conseguem fazer da própria vida uma experiência de inferno, enquanto deveriam torná-la um instante celestial.

Afetos. Nossa vida é uma soma de afetos. Passamos boa parte da vida buscando amparo, segurança, sem compreender que o infinito que há em nós finito algum toma o lugar. Toda ação humana é um grito por amor, mas amor e posse se hostilizam, e nossas experiências amorosas acabam tornando nosso coração ainda mais cativo. O amor não é cativante; antes, é libertador.

A solidão, a carência e a incompletude são nossas grandes companhias, de tal modo que o vazio nos acompanha a cada passo. Por isso buscamos tantos consolos; a própria palavra consolação provém do latim *con-solatio* e sugere, portanto, um estar-com na solidão. Quando nos sentimos sozinhos mesmo com a casa cheia, talvez seja tempo de refazermos a amizade com a solidão, compreendendo que faz parte de nossa condição humana a necessidade de mais; talvez seja tempo de tomar consciência de que colocamos nossa esperança na coisa errada e admitir, sinceramente,

que nada nem ninguém está apto a nos completar, nem nós a completarmos os outros. O vazio nos acompanha a todos e, nessa relação de custo-benefício, sempre ficará um gosto de saudade em nossos lábios... E acabaremos voltando a sentir a falta de algo que nem sabemos denominar.

Ora, fazer da própria vida uma experiência de inferno, é viver possuindo e possuído por afetos que insistem em realçar o gosto de ausência dentro de nós; é ter o encarte e o cd na mão, mas não ter a coragem de apertar o “play” para que a música da vida comece a tocar. O outro não pode ser culpado pelo nosso vazio; culpados somos nós que depositamos em seus ombros a cruel responsabilidade de nos completar.

Bem-aventurados são, portanto, os que não possuem nem se deixam possuir em seus afetos, porque a ilusão não cativará os seus corações; estes poderão amar sem mancha e fazer da própria vida um dom de amor.

Dom de Amor II

Já não sei mais dizer como estou,
Minha história é uma soma de afetos,
Que embora me afetando
Continuaram não suprimindo minhas demandas.

Solidão, triste ilusão,
O vazio acompanha cada passo
Da aventura de viver bem-aventurado,,
E o infinito que há em mim finito algum toma o lugar.

Compreendo que os meus atos
São um grito por amor
E percebo o quanto sou frágil.

Mas por que todos meus atos
São um grito por amor?
Que condição é essa, meu Senhor?

Que me marca enquanto ser,
E que marca em meu viver,

Marcas de desolação
E aumenta o meu sofrer;
E que me faz respirar ares sufocantes,
Que insistem em me dizer que eu não sou amado.

Existe em mim, ó Deus,
Um vazio que só Tu podes encher.
Na ilusão vivi,
Perdido, procurando-Te lá fora,
E Tu estavas sim, dentro de mim,
Beleza Antiga e tão Nova.

Bem-aventurados são
Os que não possuem nem se deixam possuir.
Porque a ilusão
Não tornará cativos os seus corações,
E poderão, enfim, amar sem mancha
E fazer da vida um dom de amor.

O “dentro” e o “fora” da vida

É impressionante como o quanto mais nos esforçamos para sermos humanos melhores, tanto mais Deus intervém e diviniza nossas ações. Esforcemo-nos na busca da humanização, e Deus se incumbirá de nos divinizar.

A vida é sutil, singela, real, mágica... A vida foi feita para os artistas, para os espiritualizados, pois exige dos viventes uma constante postura de encantamento e captação do incaptável; exige escuta, mesmo quando nada é dito; exige que enxerguemos aquilo que não se revela por completo... Para viver bem é preciso sentir profundamente o “dentro” e o “fora” das coisas, percebendo, deste modo, que todo o universo pode ser refletido.

De fato, a grande previsibilidade do homem espiritualizado é a sua imprevisibilidade, quando o “dentro” e o “fora” das coisas nos revelam verdades e belezas que nos escorrem pelos dedos, que nos escapam, embora se deixem captar e nos captam também. Como a vida torna-se apaixonante quando a rotina dá lugar à admiração, quando as tardes mais

cinzentas ganham as cores e o brilho de um dia ensolarado, mesmo que apenas dentro de nós. É maravilhoso poder fazer a experiência de Deus numa simples e rara chuva de outono que, mesmo trazendo frio, nos aquece o coração. Como é estranho, porém repleto de sentido, ver que o girassol é aquele que se inclina para o sol, e algo dentro em nós dizer que o ser humano é aquele que, como o girassol, deve se inclinar para o Sol Maior, para o céu, para o seu interior, para o transcendente presente em si, mas ao mesmo tempo fora de si. Quanto maior, menos perspicazmente se vê! É preciso descer, mergulhar... Os grandes artistas da história, os grandes seres espiritualizados do mundo compreenderam e nos ensinaram essa contradição; só os visionários enxergaram o óbvio.

Se o silêncio é aquilo que não existe mais quando dizemos seu nome, o mistério da vida também não é algo totalmente palpável... Mas é passível de experimentação. Na verdade, não precisamos tentar abarcar nem conceituar com nossa compreensão o mistério; basta que o mistério nos abarque e nos conceitue. Mistério não se explica, mistério se vive... Vivamos o mistério que cerca nossa vida, encantemo-nos com o fato de existir; uma vida só, se pensarmos bem, parece pouco para vivermos tão intensamente o quanto queremos viver...

Enfim, talvez seja por isso que possa existir a eternidade, de tal modo que o que vivemos aqui seja somente uma sombra da perplexidade que nos aguarda, quando o Tudo será tudo em todos, Ele em nós e nós n'Ele, perdidos e encontrados n'Ele.

Atelofobia e antropofilia

Quanta coisa deixada de ser feita pelo simples medo de errar. Característica da antiguidade humana? Não, mas de muitos, ainda vivos, e acabados de nascer, morrendo aos poucos. O filósofo e escritor norte-americano Elbert Hubbard, em seu ensaio “Mensagem para Garcia”, escreveu ao seu interlocutor: “o maior erro que você pode cometer é o de ficar o tempo todo com medo de cometer algum”. Tendência contemporânea,

marcas de uma sociedade medrosa, que se sente constantemente ameaçada em suas inseguranças, num “paredão” em frequente ameaça de eliminação. E, por medo de errar, erra não tentando. Isso tem atingido, inclusive, o âmbito da experiência religiosa, com uma forte tendência ao confinamento, ao subjetivismo e às mensagens de conforto quase mágico, promessas fáceis contra os medos.

A princípio, fica-nos claro que o medo é filho da insegurança e, como tal, trabalha contra possibilidades e ameaças não reconhecidas ou erroneamente percebidas. Ou seja, não tendo certeza do que pode acontecer e do que é capaz determinada coisa, logo o ser humano passa a ter medo de tal coisa – mesmo que essa coisa não exista. Em nome disso, muitas atrocidades foram cometidas na história da humanidade. Entretanto, fugindo ao senso comum da crítica muitas vezes infundada, tomemos o já citado âmbito da experiência religiosa para refletirmos sobre os problemas da “ateloFOBIA”, o tal medo de não ser perfeito, o medo de errar.

Diante da perfeição divina ninguém é perfeito nem jamais o será. Quem se tornaria assim tão grande? A literatura bíblica é vasta em refletir de modo sóbrio a questão sobre a perfeição e a natureza humana. O coração simples do rei de Israel, o coração não corrompido do homem de Deus (cf. Sl 78,72; 101, 2) parece ser a negação da duplicidade e do engano, para os hebreus, uma "qualidade a caminho", não de "chegada", entende?! A perfeição, para o consagrado, não é um “agora”, um “já”, mas um “ainda não” em processo, uma construção, uma conquista diária e, como se é com as coisas dos homens, marcada pelos seus “altos e baixos”. Somente somos, sendo.

O termo hebraico para “perfeição” é “tom”, de onde vêm os cognatos “completo”, “terminado”, cujo uso ético designa uma qualidade moral que pode ser traduzida por “simples” ou “integral”. Parece que o homem completo reconhece sua incompletude, sua imperfeição, sem o sentido pejorativo que estes dois últimos termos ganharam em nossa contemporaneidade vazia eticamente, descartável, líquida, superficial e cheia de modismos. Além do mais, nem é preciso citar demoradamente como os

modismos contemporâneos são, por muitos, utilizados como paradigmas de perfeições, inclusive para os paradigmas forjados por alguns fenômenos religiosos emergentes.

Por sua vez, o termo grego “*teleios*” (de onde vem *atelo*fobia) tem o significado geral de “adulto”, “maduro” (cf. I Cor 14, 20; Hb 5, 14). Mas vale lembrar que mesmo a fruta madura tem suas imperfeições naturais. Para o cristianismo de modo geral, o batizado morre para o homem velho (cf. Cl 3, 9) para assumir o homem novo criado mediante a morte de Cristo (cf. Ef 2, 15), mas luta contra o antigo homem a vida toda, pois sua sombra o acompanha, e não deve ter o orgulho de não aceitar suas próprias imperfeições (cf. I Cor 3, 1.3). O “homem perfeito” que o cristão deve tornar-se (cf. Ef 4, 13) parece indicar uma maturidade e uma integridade moral características da vida em Cristo, ou seja, vivendo em Cristo o cristão se torna uma pessoa melhor, em processo de aperfeiçoamento e, nesse processo, a humildade do autorreconhecimento é um grande instrumento, uma verdadeira graça divina. Inspirado na teologia católica, por exemplo, “a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu” (CIC, § 1030), mesmo o mais santo dos homens, em sua lucidez espiritual e teológica, deveria desejar, nem que fosse por precaução, uma purificação e um aperfeiçoamento final no purgatório antes de contemplar o Perfeito Deus face a face (cf. Hb 12, 14).

Vale lembrar aos parciais – e também para sermos honestos intelectualmente – que a teologia católica não criou a doutrina do purgatório levemente como muitos pensam, mas inspirou-se, dentre outras citações (cf. Mt 5, 22-26; Mt 12, 31; Mc 3, 29; Lc 12, 45-48.58-59; I Cor 3, 10; I Pe 3, 18-19), no relato do Segundo Livro de Macabeus, capítulo 12, versículos de 39 a 45. É sabido que há uma diferença de sete livros (Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, I Macabeus e o II Macabeus, que acabamos de citar) e alguns trechos de outros livros (Ester e Daniel) entre a Bíblia utilizada pelos católicos e pelos protestantes. Isso aconteceu porque eles só se encontram na versão grega do Antigo Testamento (chamada Septuaginta), e não na hebraica. Seja como for, infelizmente, muitos dos

que dizem ter fé não se compreendem reciprocamente e acabam dando um péssimo testemunho à humanidade. O próprio Jesus disse que o grande sinal distintivo dos cristãos seria a forma como eles se amam, “nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35), mas o que se vê não é bem isto. As discordâncias doutrinárias são perfeitamente possíveis e aceitáveis, mas a ofensiva constatável soa paradoxal. “Eu seria cristão, sem dúvida, se os cristãos demonstrassem sê-lo sempre”. Tal frase, atribuída a Mahatma Gandhi, ressoa... Mas, reconhecidas compassivamente tais imperfeições, concluímos as reflexões sobre a perfeição.

O próprio Jesus, segundo narra o evangelista Mateus (cf. Mt 19, 21), define a perfeição como o abandono dos bens e o tornar-se seu discípulo: desapego, humildade e discipulado. Ora, discípulo e mestre mantêm a vida toda entre si uma certa relação hierárquica e, se tratando do grande Mestre, ainda que nossas obras possam ser maiores que a Dele (cf. Jo 14, 12), sempre seremos discípulos. Nossa suposta perfeição não passa de emanção da Dele (cf. At 17, 28).

Ademais, psicologicamente falando, o medo de cometer falhas e da imperfeição parece ser classificado, por vários pensadores, como um distúrbio, devendo o problema, que pode estar relacionado a altos graus de estresse ou traumas, ser tratado com o apoio de um profissional. Os sintomas devem ser observados.

Seja como for, tendo-se fé ou não, a lucidez de uma urgente autorreflexão parece ser um bom exemplo de amizade pela humanidade e pode inspirar o produzir de desejáveis frutos de paz e comprometimento de todos com o alvorecer de um novo ser humano, na certeza de que "quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá" (I Cor 13,10). É preciso cuidado, pois a “atlofobia” (medo de errar, da imperfeição) pode gerar uma velada “antropofobia” (medo da humanidade) e atentar contra uma necessária e uma saudável “antropofilia” (amizade pela humanidade). Quem tem medo da imperfeição parece não ser muito amigo do homem, devia ter nascido anjo. Mas não nasceu. Pensemos!

Na dinâmica da ressurreição

“Porque se chamava homem, também se chamava sonho, e os sonhos não envelhecem”. Assim bem cantavam os poetas do “Clube da Esquina” nos corações apaixonados pela vida, e continuam cantando nas vidas apaixonadas pelo coração.

Fico sempre muito assustado quando os sonhos, os sentimentos e os sentidos são atacados pela frieza de uma racionalidade tecnicista e tecnificada de uma modernidade que, por muitas vezes, parece ter se esquecido de que o ser humano é um todo indissociável. O mais assustador ainda é o fato de que a raiz tanto da palavra “sentido” quanto da palavra “razão” é o termo grego “logos”. Ora, não há sentido nem razão na vida quando lhe falta o coração, a emoção, o sentimento, a razão... O sentido. O ser humano é realidade integral.

“Tem gente enganando a gente. (...) Espera que o sol já vem”, cantava Renato Russo. Não estão nos proibindo de lutar! Jamais nos proibirão disso! Mas estão nos proibindo de lutar com paixão, com gana, com força... Com emoção! Você pode até se perguntar: “Quem são estes que estão nos proibindo de lutar com paixão?”. Quem está nos proibindo é a conjuntura atual dominada por homens que desistiram da simplicidade da felicidade, que se mergulharam no consumismo constante... Estamos submetidos a estímulos constantes que estão a serviço do consumo constante, das leis de mercado, da instrumentalização das vontades humanas, a fim de que a pressa não deixe de continuar nos apressando e vontades artificiais sejam diariamente forjadas dentro de nós.

Paremos! Voltemo-nos a nós mesmos! Já é tempo de parar com o absurdo da dominação dos outros e da natureza, para darmos um salto quantitativo e qualitativo na busca do domínio de si mesmo. Quem sabe, assim, a paixão sadia retorne aos nossos corações e a cooperação torne a fazer parte de nossos projetos e o mundo melhor um pouco!

Desculpa-me se pareço sonhador demais, mas essa conquista é parte da busca. Tudo está em nós em forma de dom! Agora que o futuro nos tocou com a dinâmica da ressurreição, teremos de aprender a conviver com a conotação de eternidade em nossa vida. O “já” é logo ali.

Meditação de início de ano

A cada ano o ano finda e, findando, outro surge. É o homem e sua eterna luta contra a corrosão do tempo. Como sempre, muitas expectativas enchem nossos corações: conquistas pessoais, profissionais, familiares, afetivas, materiais, etc. A lista não termina... Mas o término de um ano, bem como o início de outro, pode ser uma ocasião singular para reconsiderarmos nossas condutas, o que fizemos de bom, o que deixamos de fazer e o que poderemos fazer para que nossa vida ganhe as tonalidades de poesia e eternidade que merece.

Uma primeira constatação: o ano anterior passou. Com essa factibilidade, outro fato se nos apresenta: as coisas passam, boas e ruins. Lembranças permanecem, mas aos poucos suas intensidades vão perdendo força; aquela alegria que desejávamos não passar, passou, abrandou-se; também aquela dor que parecia não ter fim se foi, e, juntamente com ela, nosso desespero... Sim, as coisas passam, com o tempo vão perdendo força, permanecendo firme somente aquilo que cultivamos. E é importante perguntar: o que desejamos cultivar em nossas vidas neste novo ano que se inicia? Manter dentro de nós aquilo que não nos é digno não é uma boa opção. Deste modo, um pequeno – mas, importante! – propósito para o novo ano que se inicia: não cultivar sentimentos e opções dentro de nós que julgarmos não valer a pena. Sugestões: evitar a mágoa (ela só faz mal pra quem a sente!), o ódio (é um modo errado de manifestar insatisfação contra algo!), a inveja (ela mina as nossas forças em busca de nossas conquistas e nos veda os olhos para percebermos o quão singular e bela é nossa própria vida!), a impaciência (ela é uma forma de nos sentirmos melhor que os outros, às vezes vistos como lentos demais, preguiçosos

demais, burros demais... é fazer um juízo muito elevado de si mesmo pensar tão mal assim dos outros, não?!), a preguiça (isso faz com que nos descansemos no pouco sucesso que já conquistamos, nos impedindo de chegarmos a outras vitórias e de fazer o bem às pessoas com os dons que possuímos!), a falta de oração (essa ausência pode nos mediocrizar, já que pode nos tirar a capacidade de enxergarmos os outros e a nós mesmos com profundidade!).

Um novo ano começa cheio de desejo de superação das dificuldades do ano anterior e de esperanças frente às possibilidades ainda ocultas do novo que se inicia. O Papa Bento XVI, porém, reconheceu e alertou de que o futuro que se aproxima também tem algo de sinistro: o novo e o desconhecido nos assustam. Deste modo, o tempo é nosso grande aliado, mas também o que nos assusta; só com o tempo as respostas chegam, sendo necessário que caminhemos, andarilhamente. Você já percebeu o quanto buscamos seguranças o tempo todo, um porto para nos ancorar? Buscamos repouso, buscamos preencher os nossos vazios existenciais, mas a única grande certeza que temos é o caminho. Não sabemos, afinal, aonde o caminho nos conduzirá. Pela fé, intuímos alguma coisa, mas o caminho - e só o caminho - é o que temos de mais seguro e certo. O sentido da vida parece estar no próprio caminhar, sem muitas seguranças, sem muitas certezas, mas fazendo valer a pena cada passo, cada respiro, cada medo, cada sonho, cada sorriso... Sorrir como se fosse a última vez; chorar como se fosse a última vez; dar um passo como se fosse o último; rezar como se fosse a última vez; amar como se fosse a última vez; viver como se fosse o último instante.

Vejamos, então, que as experiências dos outros acrescentam muito à nossa vida, mas não cabe a ninguém o dom de nos dar as respostas. Isso é que faz a experiência da vida ser uma experiência profundamente existencial, marcante, responsável e, conseqüentemente, angustiante: os caminhos que fazemos só nós os fazemos, mesmo tendo pessoas ao nosso lado, porque são caminhos interiores. Conseguir superar as efemeridades do tempo e dar às nossas existências os tons de eternidade de que elas

tanto necessitam: eis um desafio para a vida toda, todos os anos, em todos os hojes e amanhã. Ninguém, por mais importante que seja, possui o dom de chegar ao nosso interior: ninguém viverá nossas experiências, ninguém viverá nossa vida, ninguém sentirá nossos sentimentos... Só Deus pode chegar ao nosso interior, sem se impor, sem nos roubar de nós mesmos, sem desconsiderar o que sentimos, o que desejamos, o que falamos. Ele não tem juízos prontamente formulados para nos reprimir ou acusar, mas também não tem um tipo de respeito medíocre que O impeça de nos dizer aquilo que realmente é preciso ser dito. Por isso, ele pode ser também imagem perfeita do homem, paradigma almejável de humanidade.

Deste modo, não desejo paz para o novo ano que se inicia, mas desejo coragem, acima de tudo, já que temos fortes tendências ao comodismo: se tivermos muita paz, corremos o risco de acomodar. Desejo conflitos, lutas, batalhas intensas e, com elas, a coragem de encará-las, com a sabedoria e a humildade necessárias para aprender com os fatos e crescer com eles; guerreiros vivem de batalhas. Nosso Salvador, que nos visitou no Natal, “*atravessou os céus*” (*Hb 4, 14*), transpôs os limites do tempo, enfrentou provações e as superou; o Deus que não se prevaleceu de Sua condição divina (cf. Fl 2, 6), também deseja visitar nossas manjedouras interiores e nos dar o dom de vivermos com os pés no chão, com os olhos abertos para a realidade e com o coração no céu (ao alto), nos indicando caminho para o sentido de nossas vidas. Não tenhamos medo: o repouso não se encontra na chegada, mas nos desafios do caminhar-se, na certeza de que estamos encarando a vida com a profundidade e a seriedade que lhe são devidas; no caminho estão os grandes aprendizados com que o Bom Deus deseja nos presentear.

Espiritualidade do deserto

Na cruz não está apenas o Cristo, mas também os mais diversos seres humanos, crucificados diariamente pela injustiça social, pelo medo, pela angústia, pela calúnia, pelas mentiras, pelas traições e pelas falsas

promessas. Na glória também não estará apenas o Cristo, mas todos aqueles que a Ele se unem e conformam suas vidas ao mistério do Amor Incondicional que o Seu jeito de ser nos revelou.

A Igreja Católica possibilita aos seus membros, pela sua pedagogia litúrgica, várias ocasiões de aprofundamento na fé, razão pela qual sua ação pedagógica é também uma ação mistagógica, um caminho que nos conduz ao mistério. Ocasião especial, neste sentido, é o chamado Tempo Quaresmal, cuja espiritualidade convida a mergulhar no combate espiritual para, a partir do deserto da alma, encontrar-se com a glória do Crucificado e, por ela, a nós mesmos. Inevitavelmente se celebra a Redenção da humanidade, a vitória alcançada pela Cruz e Ressurreição, mas para resistir de modo forte ao impacto da Sexta-feira Santa, de pé como Maria (cf. Jo 19, 24), e merecer o esplendor da Páscoa definitiva, é necessário que cada um viva sua Páscoa espiritual e faça a “passagem” cotidiana do homem velho ao homem novo (cf. Ef 4, 22-24).

Muitas pessoas não são honestas consigo mesmas, manipulam a própria consciência em busca de riquezas fáceis, com o exterior cheio de apetrechos e o interior vazio, reféns do que possuem e desconstruídas do que são. A sabedoria da Igreja, porém, dá aos seus membros a oportunidade de se voltarem ao próprio interior e ali reencontrar a própria essência. Como dizia o monge do deserto Macário, o Grande, *“a principal tarefa do cristão é entrar em seu próprio coração”*, onde Deus habita, pois é na vontade do Senhor que se encontrarão nossas próprias vontades. Nosso ser provém de Deus, e Santo Agostinho clama: *“Inquieto está nosso coração, Senhor, enquanto não repousa em Ti”*.

Entende, portanto, a pedagogia/mistagogia da Igreja que longe de Deus toda injustiça acaba encontrando alguma justificativa, mas ao nos aproximarmos Daquela que de nós se aproximou por primeiro, teremos chances de fazer a vida valer a pena e contribuirmos para a construção de uma Civilização de Amor. É preciso coragem.

Breve reflexão sobre “santidade”

“A vontade de Deus a vosso respeito é esta: que sejais santos” (1 Ts 4, 3).

Deus, então, nos teria chamado à santidade e, conseqüentemente, não poderemos ser menos que isto: santos. Mas o que é isso? Deus nos chamou à santidade, mas qual ajuda Ele oferece para que consigamos, então, ser santos? Respondo: a vida em comunidade, a fraternidade. A santidade não é sinônimo de grandes heróis, ela é algo que se conquista em comunhão.

Então, definitivamente, é preciso se converter. Mas o que significa conversão? Significa mudança profunda de sujeito, de ser, de postura de vida. Todavia, quando falamos de conversão é comum pensar em alguém que vivia uma vida de devassidão sexual, moral, de banditismo etc. Mas será que só existe esse tipo de conversão? Talvez esses exemplos não se encaixem bem na vida de muitos, e a ideia de conversão fica distante.

Mas existem dois exemplos bíblicos que rompem com este padrão de conversão: a parábola do “filho pródigo” (ou do “pai misericordioso”), de forma especial a figura parábólica do “irmão mais velho” (cf. Lc 15, 11-32), e os relatos que falam da conversão de Paulo (cf. At 9, 1-19; Fl 3, 4-7). A figura do “irmão mais velho” da parábola é um exemplo de quem, de certo modo, levava uma vida “justa”, “fiel”, mas que de tanto gabar-se se tornou orgulhoso, prepotente, autossuficiente, julgando-se no direito de sentir-se melhor do que os outros; quanto a Paulo, ele era um homem que possuía um currículo religioso impecável, com uma conduta considerada irrepreensível, devido sua fidelidade aos preceitos judaicos. Portanto, os dois, o “irmão mais velho” e Saulo/Paulo, eram *homens de caminhada religiosa “exemplar”*. Todavia, foram profundamente repreendidos por Jesus. Por que será?

O grande problema destes dois homens, ao que tudo indica, residia no fato de que eles ainda não tinham entendido que com Deus não se faz barganhas; eles não tinham compreendido que Deus e os pequeninos do mundo são inseparáveis; eles não tinham entendido que, no final das

contas, só Deus é justo, só Deus é santo, só Ele é fiel, só Ele basta a si mesmo. Em uma palavra: eles não conheciam o Deus do qual se sentiam servidores e, pior, defensores. De um lado, na parábola, quando vemos Jesus falando de um pai cheio de misericórdia, Ele está falando de algo que lhe é próprio, que constitui Seu próprio ser e agir; de outro lado, no relato da conversão de Paulo, o apóstolo experimenta que os cristãos que ele havia colocado na prisão eram o próprio Jesus; perseguir os cristãos era o mesmo que perseguir o próprio Cristo: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9, 4).

Por que, então, o Deus que nos chamou para a santidade deu-nos, exatamente, a vida em comunhão e a fraternidade para que consigamos atingir a meta de ser santos? Porque não existe conversão entre mim e Deus somente. Como diziam os Padres Antigos, *unus Christianus nullus Christianus*, ou seja, um cristão sozinho não é cristão. Não faz sentido tantas pessoas tomarem parte no grupo de Jesus e não viverem em comunidade, como irmãos, como família e atentos para que ninguém caia ou viva na indignância.

Portanto, quando lemos que o “irmão mais velho” ficou indignado porque seu irmão mais novo *voltou para casa do pai*, entendemos que só a fé vivida em comunhão comunitária pode transformar o egoísmo e o orgulho na alegria de poder restabelecer relações adequadas com o próximo e com Deus. Se dizemos que temos fé em Jesus, mas não amamos os dons que Ele colocou à nossa disposição para conseguirmos fazer Sua vontade, então na verdade não temos fé. Ser cristão é pertencer à comunidade de Cristo, e fazer parte dessa comunidade é pertencer ao Seu Corpo (cf. I Cor 12, 27); e pertencer ao Corpo de Cristo é estar no caminho certo rumo à santidade. Ser santo é ser “separado”, mas separado do próprio egoísmo para viver a experiência do reconhecimento de si no reconhecimento do outro que nos interpela com o seu rosto de irmão; é aprender a amar não somente a Deus, mas também o que Deus demonstra amar. Isso é santidade ou, ao menos, caminho para ela.

Estado, religião e submissão

Frequentemente é possível ter um encontro com algumas pessoas que não têm muita formação e acham que ser crítico é falar mal de tudo, especialmente das religiões. Uma das falas mais comuns por elas veiculadas, à revelia daquelas que dizem que Estado e Religião são coisas completamente distintas, gira em torno da ideia de que o Estado e a Religião são extremamente dependentes e, quase sempre, a falta de conhecimentos históricos se revela ao proporem que a religião é absolutamente fundamental ao Estado, pois com ela seria sempre possível manter o povo obediente e feliz. Ora, não somente para manter o povo obediente e feliz, o que, na verdade, quer dizer manter o povo submisso mesmo. Esse tipo de discurso é tão nocivo quanto aqueles mais diretos em considerar a religião como descartável ou de pouca valia social, além de, veladamente, desvalorizar o próprio povo, a quem o Estado está a serviço e não vice-versa. Desvalorizar o povo? Sim. Afinal, de certo modo o Estado pode ser laico, mas o povo pode ser religioso. Quem serve quem?

A religião, historicamente e em suas mais variadas manifestações e singularidades confessionais, marcou e marca diretamente a vida social, política e moral das pessoas, e também estabeleceu e estabelece uma relação por vezes antitética com determinadas ideologias vigentes nos Estados, auxiliando no processo de saída do estado alienante e alienado em que, frequentemente, o povo se encontrava e se encontra. É evidente que seu trabalho isoladamente não possui força para desestabilizar e/ou destruir toda uma máquina estatal. Além do mais, muitos daqueles que se dizem amantes da política pensam, como alguns religiosos desinformados, que a religião deveria se restringir apenas ao crivo dos templos e não deveria “meter o bico” nas coisas do Estado, principalmente dos Estados “laicos”. Ora, mas a laicidade não configura necessariamente uma oposição do Estado à religiosidade.

Olhemos, porém, para as diversas ofensivas libertadoras de várias denominações religiosas contra regimes ditatoriais, com teologias

marcadamente engajadas. Por várias vezes, a religião também produziu e produz um povo desobediente e infeliz que saiu e sai à luta por direitos mais democráticos (não que a democracia seja necessariamente o melhor regime político: os socráticos, por exemplo, nos objetariam), gente que perdeu a vida em lutas sócio-políticas, cujas motivações de justiça lhes ganharam força interior exatamente por conta de suas experiências religiosas. O tema do desenvolvimento integral do ser humano sempre foi uma haste vertical nas visões de mundo de muitas denominações religiosas, especialmente sob o crivo da caridade e da verdade. Quando o discurso religioso diz que o problema econômico não resolve o problema do homem em sua totalidade, nem sempre ele está produzindo um povo submisso, como se o céu fosse o único lugar em que a vida justa e a felicidade se realizarão e, deste modo, que as coisas aqui embaixo são assim mesmo e devem ser aceitas. Ainda que determinadas religiões compreendam que o céu não se reduz absolutamente a uma vida boa aqui e agora, há aquelas que reconhecem que o que se vive aqui não é oposição ao que se entende por vida eterna.

Quantas vezes líderes religiosos alertaram para o perigo dos “blocos econômicos contrapostos” como uma das causas principais do subdesenvolvimento? Por quantas vezes foi alertado que a pessoa humana é o maior capital a ser preservado, valorizado e defendido? Por quantas vezes o processo de aculturação produzido pelas próprias religiões foi criticado por elas mesmas e substituído pela ideia do respeito e da prática da inculturação? Por quantas vezes as religiões levantaram a bandeira de que o ato de comprar é mais que um ato econômico, mas sim um ato moral, defendendo a dignidade humana que sempre pode gerar dignidade a outrem, no lugar de uma mera dignidade material que, por sua vez, quase sempre pode pressupor a indignância de muitos? Como negar as influências das religiões em tantas transformações histórico-sociais de tantas nações?

Enfim, parece que o tom irônico da ideia de que a religião é absolutamente fundamental para o Estado, pois com ela seria sempre possível manter o povo obediente e feliz, pode ser reconsiderado; digamos que a

religião não é algo importante *para* o Estado, como se ela lhe fosse uma propriedade privada, sempre submissa, mas sim que ela é importante *no* Estado, por vezes, de fato, auxiliando na manutenção da “ordem” e do “status quo” social vigente, mas também por inúmeras vezes fomentar mudanças, insatisfações e iniciativas transformadoras em muitos daqueles que não procuram um efeito meramente anestésico em suas vivências religiosas. As religiões também produziram e produzem, em muitos, efeitos desinstaladores, engajados e questionadores de um determinado tipo de sistema. Deste modo, é realmente necessário assumir uma postura crítica, mas assumi-la com toda a honestidade que ela pede: comprometimento com a busca pelo saber cada vez mais verdadeiro, fidelidade histórica, afastamento dos preconceitos e a quase sempre necessária suspensão temporária do juízo (*epoché*) quando a evidência de alguns fatos não se revelar ainda tão evidentemente.

Egoístas por necessidade?

Somos egoístas por necessidade? Uma amiga psicóloga fez-me esse instigante e importante questionamento. Essa questão implica muitas outras de diversas ordens. Ela será tratada, entretanto, à luz de uma reflexão antropológico-ontológica, com acenos teológicos. E a resposta que esse texto lhe dá é a de que não, não somos egoístas por necessidade. O egoísmo, inclusive, é aqui considerado como uma antinecessidade. Sinta-se o leitor completamente livre para discordar se assim o quiser.

O egoísmo é uma parte do percurso existencial que expressa uma necessidade da vida: a necessidade de sobrevivência, de autocuidado. Mas não é ele mesmo a necessidade em questão.

A filosofia aristotélica entende que *necessidade* é aquilo que uma coisa tem de ser; o contrário da *contingência*, daquilo que algo não precisa ser necessariamente, não sendo fundamental na constituição de sua identidade. Somos humanos por necessidade, posto que somos frutos de uma relação entre dois outros humanos, mas, por contingência, somos pais de

alguém, ou solteiros, ou professores, ou jogadores de futebol etc. E, sendo necessariamente humanos, somos, necessária e essencialmente, animais sociais. A própria lei natural nos estabelece como seres relacionais, que encontram no bem comum expressão singular da própria existência.

Se formos, inclusive, considerar a dimensão religiosa na discussão, o próprio fato de termos sido criados por um Deus Uno e Trino, teremos ainda mais elementos para considerar que o egoísmo é, em síntese, uma antinatureza e, deste modo, uma antinecessidade. O próprio Deus, para os cristãos, é relação, é comunhão de Pessoas... Por isso o chamamos também de Trindade. E justamente essa comunhão das Pessoas Divinas faz-nos existir, como expressão de sua unidade trina. Assim, quanto mais nos isolamos, ainda que por sistema de defesa, mais nos afastamos de nossa própria condição.

É importante, por consequência, considerar que os “sistemas de defesa” respondem a uma realidade externa que se apresenta como afrontadora de nossa integridade pessoal. Mas essa “realidade externa” é uma realidade que demanda a própria intervenção do ser humano para ser transformada no espaço de convívio/comunhão a que está destinada a ser. O apóstolo Paulo expressa isso quando diz que a própria natureza espera a manifestação dos filhos de Deus. O egoísmo, neste sentido, fere a necessidade humana de humanização, é a antítese da verdadeira necessidade do ser humano (que é a humanização na comunhão), mas que expressa, paradoxalmente, essa mesma necessidade como uma espécie de sistema de defesa. O egoísmo, em última instância, acaba por destruir aquilo que pretende defender: o ser humano, imagem do Deus Tri-Uno, Comunhão em seu próprio seio; o ser humano, que se humaniza para a comunhão; o ser humano que é ser-para-a-comunhão.

Há um termo interessante e iluminador quanto a isso que dissemos até aqui: alteridade. Alteridade é a consideração responsável do outro (a palavra alteridade vem do latim “alter”, que significa “outro”). É o reconhecimento do outro, do rosto do outro, da existência do outro, desse outro que sempre nos interpela, que é fundamental para nossa própria

formação... Esse termo possui uma profunda implicação ética. Somos chamados a ouvir, ver e reconhecer o “grito” existencial do outro. Isso nos forma, é dom de Deus para nos formarmos na humanidade que nos marca. O conceito de “alteridade” dialoga bastante com aquilo que Aristóteles e Tomás de Aquino chamaram de “amizade” e de “amizade civil”, com aquilo que Hegel chamara de “consciência”, com aquilo que o cristianismo em geral tem chamado de “próximo”. Em geral, eu não sou “eu” sem o “outro”.

De fato, pode até parecer fazer sentido entender que somos egoístas por necessidade. Mas, seguimos entendendo que não. O ser humano é um ser social. Como tal, ele realiza-se humanamente no convívio. O nosso “eu” é marcadamente coletivo, da tal forma que há sim contentamento pessoal naquilo que fazemos em relação ao outro. Isso não é, a princípio, egoísmo, mas realização pessoal, prazer e alegria que vem pela alteridade. Alegrar-se, aprazer-se e realizar-se pela realização do outro e no bem que fazemos ao outro não é egoísmo por si só, é dom. Isso não é egoísmo... Eu chamaria de ego-alteridade.

Nesse caso específico o ego/eu não é absolutizado (egoísmo). Ao contrário, ele se realiza e se aperfeiçoa na medida do seu contentamento enquanto espécie na realização do outro (“alter”), vendo o outro na perspectiva de um outro eu (“alter-ego”) e a si mesmo como um eu-outro (“ego-alteridade”). Há fraternidade humana nisso. O ser humano é um projeto, como dizem os existencialistas, nós somos um devir, vamos nos fazendo, com todos os riscos existenciais que isso comporta, estamos em busca da realização de nossa própria humanidade (um movimento que vai da hominização para a humanização), e faz parte desse processo a capacidade de se realizar através do outro, e da realização do outro enquanto ser humano também... Como bem disse o filósofo Michel de Montaigne ao definir o conceito de amizade: “Porque era ele, porque era eu”.

Em síntese, o que vem com o homem é a abertura... O ser humano não nasce pronto. Ele nasce com inúmeras possibilidades (que podem ou não ser desenvolvidas), mas também com algumas marcas ontológicas, ou

seja, com algumas marcas que definem o seu ser, e estas marcas fundamentais são: 1) sua dignidade inalienável e imperdível de pessoa; 2) sua natureza social. Fora disso, é devir, é vir-a-ser, é necessidade óbvia de desenvolvimento histórico-social. Trabalhamos existencialmente na construção sobre o nosso “ego”, e nesse percurso temos muitos desafios. Parar no egoísmo é um perigo real. Entretanto, isso não faz dele uma necessidade. Parar no egoísmo é, enfim, tornar uma simples pedra do caminho no próprio objetivo do caminho. Um equívoco a não cometermos.

Jesus e as religiões

Jesus realmente era judeu, mas congregou pessoas em torno dele de um modo diferenciado dos rabinos do judaísmo oficial de seu tempo. Talvez por isso, Ele mesmo se refira ao povo que reuniu ao seu redor, os simples e excluídos de seu tempo, de “minha igreja” (cf. Mt 16, 18).

O termo “congregação” (do grego “ekklesiásmá”) é correlato ao termo “igreja” (“ekklesiá”), e denota uma “reunião organizada” de pessoas. No caso, essas congregações de pessoas eram presididas pelos apóstolos que foram escolhidos pessoalmente por Jesus. O “pulo do gato” está justamente aqui: de fato, Jesus era judeu e morreu judeu, mas o grupo criado por ele se constituía numa espécie de escória do judaísmo, uma seita judaica, com princípios religiosos e organização marcadamente estranhos aos liturgismos da religião judaica.

Os próprios cristãos (entendidos aqui como “seguidores de Cristo”, e não ainda como uma “nova religião”) se reuniam, no princípio, tanto com Jesus quanto após sua morte, nas sinagogas (o que mais uma vez endossa a ligação direta com o judaísmo). Todavia, como o raciocínio pretende demonstrar, o grupo dos cristãos, por perseguição e rejeição sistemática dos líderes judaicos, acabou naturalmente separado do judaísmo, vindo a se constituir em um segmento religioso distinto, embora com os mesmos radicais abraâmicos dos judeus (monoteísmo, Jerusalém como Cidade Santa por excelência e inspiração escriturística – o Antigo Testamento, que se

completou e clareou em uma “nova aliança”, que é expressa, segundo os cristãos, no Novo Testamento).

Vale lembrar que o conceito de “nova aliança” foi cunhado pelo próprio Jesus na sua ceia com os apóstolos (cf. Mt 26, 28), elucidando a ideia de que uma nova ordem religiosa surgiria; de algum modo, pelas consequências lógico-factuais, Jesus poderia facilmente deduzir que o grupo congregado por ele se tornaria emancipado do judaísmo em pouco tempo. Até porque o próprio Jesus se reconhecia como o Messias esperado pelos judeus, mas que o próprio judaísmo negou.

Deste modo, Jesus era judeu e não tinha, possivelmente, a intenção de criar uma nova religião, caso os judeus aceitassem-no como o Messias prometido (ele mesmo disse que não veio para abolir a lei judaica, mas para dar pleno cumprimento a ela: cf. Mt 5, 17). Mas “com o andar da caruagem”, a iminência do surgimento de uma nova ordem religiosa possivelmente passou a se tornar evidente para o próprio Jesus e, realmente, se efetivou, com uma característica marcadamente “apostólica” e, posteriormente, institucionalizada.

Em termos sócio-políticos, porém, o cristianismo só se tornou tolerável com o Édito de Milão em 313, por Constantino, e feito religião oficial do Império Romano com o Édito de Tessalônica, em 380, por Teodósio.

Em termos argumentativos, consideramos que a digressão acima não é só “historinha bem fundamentada”, como podem supor alguns críticos mais acalorados. É uma explicação factual, salvas as suas limitações e brevidade, baseada em documentação histórica (embora a história possa sempre ser questionada), sem a pretensão de conotação religiosa nem muito menos apologética. Apenas razoável e honesta. Porém, o uso de perícopes referenciais bíblicas pode gerar certo desconforto aos espíritos acadêmicos mais desinformados, que não consideram a bíblia uma referência digna em termos históricos.

Ora, parece-nos que a Bíblia é um livro histórico considerável; aliás, em se tratando de pesquisa séria, toda fonte é digna de avaliação. Sem contar a sua riqueza em termos de epistemologia ampla, como é o caso dos

campos da filosofia, da história, da sociologia e da geografia do conhecimento. Tolo de quem a enxerga apenas como um livro de referencial religioso.

Infeliz e referencialmente incompleto, portanto, se torna o estudioso de questões judaicas e cristãs que não tem familiaridade literária e acadêmica com a Bíblia. Nela podem ser encontradas fontes primordiais de estudos e pesquisas, tais como visões de mundo, estratificações sociais, gêneros literários, documentos, ideologias, dados genealógicos etc. E isso exclusivamente a partir do ponto de vista acadêmico (fontes que servem para oposições ou apologias). Mas há um pressuposto básico para qualquer pesquisador sério: conhecer bem as coisas sobre as quais ele discursa, com disposição e honestidade intelectual.

Aporia das aporias

Não tenho medo da morte, não tenho medo de doença... Bem. Na verdade, tenho aprendido, sem muita explicação, a perder o medo destas coisas. Se Deus é uma projeção humana, a solução de uma aporia e/ou uma criação do ser humano para se proteger dos “males” citados, então estou correndo o risco de tornar-me um ateu. Se Deus, por outro lado, é uma criação humana para amenizar nossa dor perante esses “males insoluçionáveis”, o objetivo dessa criação está sendo atingido. Então, Deus é bom; pelo menos foi uma boa invenção nossa.

Não consigo ver Deus como um ameaçador ou nem mesmo como a ameaça. Ele me parece ser bem resolvido. Sinceramente, tenho a ligeira – e incompreendida – impressão de que Ele não se inquieta com o que dizem dele, tanto que – se é que Ele existe mesmo – permite-se manifestar no budismo, hinduísmo, cristianismo, judaísmo, islamismo etc. É... Pode ser uma projeção mesmo! Mas, se assim o for, Ele não é a solução de uma aporia, mas é a aporia, a possibilidade de mais problemas. Realmente, Deus é o problema do mundo, de um mundo pseudo-racionalista faminto por soluções imediatas. Acreditar em Deus é arrumar mais um problema

para resolver, e estamos com pressa demais de solucionar os problemas do mundo para aceitarmos Deus como uma possível solução. Esta solução seria demasiadamente problemática! Boa razão para abandonarmos a ideia de Deus?

Uma outra ideia que tenho de Deus – ou talvez uma outra projeção – é a concepção de que Ele é consequente. Deus me parece ser responsável, um ser – uma pessoa – que escolhe, decide e assume as consequências de seus “sins” e “nãoos”. Mas, realmente, essa ideia pode ser uma psicologização de uma pessoa mal-resolvida e, por isso, inconsequente, que criou um ser perfeito por não sê-lo. Acreditar num Deus assim seria um atraso, realmente. Outra boa razão, então, para abandonarmos a ideia de Deus?

Sem dúvida alguma, essas concepções de Deus são demasiadas humanas, mas não consigo ir além dessa esfera; sou humano.

Tenho ainda um terceiro pensamento acerca deste assunto. Deus, por ser bem resolvido e consequente, parece-me ser aquele que é capaz de amar sem reter, pois sabe que o outro deve continuar sendo livremente o outro. Acredito que Deus ama sem reter porque quem ama, na verdade, é que fica retido. Mas, deste modo, não estaria Deus se tornando dependente do amado? E, caminhando por esta via, este pensamento não seria mais uma projeção? Todavia, partindo das premissas de que Ele é bem resolvido e consequente, provavelmente Deus se permita encontrar nesta situação somente para se aproximar de sua obra. Mas não sei... Quando falo de amor fico confuso... Não sei o que dizer, pois não aprendi a colocar em palavras aquilo que me fala sem nada pronunciar... Acho que só sei sentir.

Eu sei que essas reflexões sobre Deus abrem espaço para mais problemas, mas não estou apresentando a solução das aporias, e sim a Aporia.

Diante de tudo quanto foi dito, fico pensando: se uma boa causa é aquela pela qual temos coragem de morrer – e não pela qual matamos –, parece coerente que a existência de Deus seja comprovada exatamente pela necessidade que temos de matá-Lo, de excluí-Lo de nossas vidas. O que me intriga neste Deus bem resolvido, consequente e que ama sem reter, mesmo que tudo isso não passe de projeção e de antropologia

disfarçada de teologia, é a capacidade que Ele tem de morrer de amor e, morrendo, continuar existindo e a nos rodear. Mas talvez isto seja somente a nostalgia de uma realidade humana não realizada e mesmo irrealizável – pelo menos enquanto Deus ainda continuar empacando nosso progresso com Sua presença maleficamente retida por nós... Deixemos Deus livre da gente e Ele deixará de existir! Por tudo que foi dito, essa esperança parece ser infundada.

Aporia das aporias, solução insolucionável... Deus parece, realmente, ser imortal.

Parte III

Fragmentos pela desfragmentação

Sobre ser aprendiz de andarilho

“Tenho passado por muitas terras, mas as terras que mais me marcaram foram as terras que inventei”.

“Emigrar a vida inteira, saindo das imagens que fazemos de nós mesmos, dos outros e de Deus. Ninguém é assim, definível”.

“É bom saber que existem pessoas que caminham conosco. Todavia, não nos enganemos: a responsabilidade de ser é pessoal e intransferível; ninguém decide por nós”.

“Inteiro? Não sei. Fragmentei-me pelo caminho; deixei pedaços de mim por onde passei. Fui reinventado em cada encontro”.

“O que temos para hoje? O hoje. O ontem já era e o amanhã ainda não é”.

Sobre humanização e decência

Há um processo de humanização do ser humano através das relações sociais, mas é preciso que também aconteça um processo de humanização das próprias relações sociais, a fim de criarmos possibilidade de uma humanização decente do ser humano.

Sobre orações e seus efeitos

Gosto daqueles que rezam não para serem santos nem anjos; rezam para ser gente.

Sobre ser feliz

Feliz? Não sei. Parece-me muito para uma vida só. Mas intenso... Sim, muito intenso.

Sobre a cruz

“O retorno a ti me orienta, me dá segurança... Segurança para voltar ao caminho, para continuar caminhante, para mergulhar. Depois que olhei, fiquei marcado pelo que vi”.

“O Teu silêncio é como palavra de amor dita suave e secretamente ao canto do ouvido: gela-me, mas aquece-me o coração”.

“As inquietações que Ele nos gera, exigem respostas que somente nós mesmos podemos dar”.

“Na cruz não está apenas o Cristo, mas também os mais diversos irmãos nossos, crucificados diariamente pela injustiça social, pelo medo, pela angústia, pela calúnia, pelas mentiras, pelas traições e pelas falsas promessas”.

Sobre o passar dos dias, aniversários, envelhecimento e morte

“Ainda vive o menino que fui”.

“Angústia? Angústia é querer possuir o ‘impossível’ que antes já nos possuiu; é querer abarcar o inabarcável que antes já nos abarcou; é quando nos escorre pelos dedos a vida que antes nos fez viver, mas que a cada dia a mais que nos concede também sussurra-nos que menos concessões nos esperam”.

“Faço hoje aniversário. Não dá pra saber se estamos do meio pra frente ou do meio pra trás. Mas nem é preciso saber. Só cheguei ao hoje porque vivi todos os ‘ontens’ com intensidade! Não apaguei nenhuma velinha hoje; ao contrário, acendi mais uma, porque o que eu quero é luz,

tanto para ser iluminado quanto para iluminar. Tenho ciência de que este ano a mais é também um ano a menos, mas isso não me aflige! Fui iluminado nas últimas décadas com as melhores das experiências, com as melhores das companhias, com grandes aprendizados, com os mais intensos sonhos, com gratas realizações... Não sei se terei muitos anos de vida, mas tenho tido muita vida nestes anos, e isso vale por si só. Que venha mais vida, sempre! Vivamos!”.

“Talvez as pessoas sintam que o feriado de finados seja o mais triste do ano porque sabem que ainda farão parte daqueles que serão lembrados neste dia! Afinal, nunca sabemos qual será o último dia de finados que passamos entre os vivos”.

Sobre a arte docente e a arte do fazer-se

“Nessa jornada da vida somos, cada pessoa de modo singular, um pouco aprendizes, um pouco mestres. Nosso ofício, enquanto pessoas, e pessoas que escolheram a docência como profissão, não é compor livros e teorias, mas é dar conta de construir e escrever o próprio ser... Nosso ofício não é formar filósofos, médicos, engenheiros, advogados ou qualquer outro profissional, é ajudar a cada pessoa no exercício diário de ser gente, na arte de fazer-se. O professor continua sendo um sonhador, um utópico, uma profecia de esperança...”

Sobre “datas especiais”

“A vida só vale a pena quando ela é vital a nós e aos outros, quando a sua dimensão transcende a nossa existência particular e afeta positivamente as histórias dos outros. Tenho o costume de celebrar a vida todos os dias, na simplicidade do cotidiano. Não sou muito afeito às chamadas ‘datas especiais’, pois, quando a vida é vivida intensamente, todos os dias são ‘dias especiais’. Mas também reconheço que certas ‘datas especiais’ são bons pretextos para mais naturalmente (ou culturalmente?)

manifestarmos nossos afetos àquelas e àqueles que amamos. Não são ocasiões ‘especiais’ para sermos enganados pelo espírito consumista do capitalismo, escondendo nossas essências atrás de bens materiais, cuja efemeridade apenas empobrece a vida. O amor é para todos os dias”.

Sobre caminhadas e buscas andarilhas

“Eu caminho porque reconheço que não sei a resposta para as perguntas que me são mais existenciais; mas sei que ao longo do trajeto vou me tornando palmilhado pela vida, e nas mudanças vou mudando, até Deus me capturar de uma vez por todas”.

“Eu caminho porque a pessoa que mais admiro na vida era um Andarilho, que não tinha pão, mas tinha amor; Ele não tinha medo de caminhar, pois Sua morada era sua própria postura de vida; não tinha medo de se perder ao encontrar-se com os perdidos, pois era encontrado com Seu Eu. Eu caminho porque tenho a esperança de encontrá-Lo no trajeto... Quem sabe eu me encontro também”.

“Mas isso deve levar anos... Estou a passos lentos e sem muita pressa de chegar. Acho que prefiro as incertezas e as aventuras do caminho, do que as monotonias e comodidades das chegadas”.

“Às vezes acho que buscamos seguranças o tempo todo, um porto para nos ancorar, buscando repouso, preencher os vazios existenciais, etc., enquanto que a única certeza de que temos é o caminho... Não sabemos, afinal, aonde o caminho nos conduzirá. Pela fé, intuímos alguma coisa, mas o caminho - e só o caminho - é o que temos de mais seguro e certo. Talvez por esse lado, então, a vida até tenha sentido, mas esse sentido parece estar no próprio caminhar, sem muitas seguranças, sem muitas certezas, mas fazendo valer a pena cada passo, cada respiro, cada medo, cada sonho, cada sorriso... Sorrir como se fosse a última vez; chorar como se fosse a última vez; dar um passo como se fosse o último; rezar como se fosse a última vez; amar como se fosse a última vez; viver como se fosse o último instante... Isso parece ter sentido!”.

“Se você me encontrar perdido por aí, devolva-me”.

“Peça! Não tenha vergonha de pedir! Mendigo com vergonha de pedir? Pode até ser, mas, mesmo assim, ele pede. E é isso que somos: andarilhos. E que imensa graça há em ser andarilhos! E o Andarilho nos acompanha. Somos imagem e semelhança do Andarilho. E Ele "já" sabe do que necessitamos antes mesmo de pedirmos, ainda que não lhe peçamos. Mas, peça! O pedir é mais sobre nós do que sobre Ele”.

Sobre inteireza e integralidade

Inteiro? Não sei. Fragmentei-me pelo caminho; deixei pedaços de mim por onde passei. Fui reinventado em cada encontro.

Sobre escrever

“Minha escrita é pura reverberação do que sinto, das angústias e alegrias de existir. Fazendo assim, diminuo o risco de recalcar minhas experiências na sala escura do inconsciente... é uma forma de ter acesso rápido à vida que tão facilmente me escorre pelos dedos; me ajuda a tirar as coisas um pouco da cabeça e levá-las ao meu coração, à minha pele, à minha vida como um todo”.

“Não se assuste pelas vezes em que escrevo em primeira pessoa, pois minha ‘primeira pessoa’ é fragmentada em vários eus. Desobrigo-me de escrever algo que agrade e de explicar o significado de minhas palavras; para tanto eu teria de saber o significado de minha vida e passaria a entender o que ela tem de mais interessante: o mistério, a indefinição”.

“Escrever me faz bem. Não lido bem com as palavras nem almejo isso. Escrever parece um parto: é fruto de coisas que gestamos interiormente. E o que mais me fascina é saber que nem mesmo aquele que escreve compreende totalmente o que escreveu; reconhece pedaços de si, mas são somente pedaços”.

“Escrever é o melhor meio para organizar as ideias. A cada leitura que você fizer, um milhão de ideias e de conexões possíveis vão surgir na sua cabeça, com todo potencial para tirar sua paz, inclusive. Então, não tarde em escrever. A escrita é aliada na construção criativa, e não apenas um instrumento para registrar as ideias que temos de antemão. A linguagem expressa o pensamento, mas também o forja... Pensamento e linguagem se interpenetram, mesmo que um insista ser o antecedente do outro, os dois funcionam bem juntos”.

Sobre contradições e coerências

A contradição nos acompanha. Cobrar de nós muita coerência já é ser incoerente, já que não pisamos sempre firmes nos chãos que construímos. As constantes construções e desconstruções pelas quais passamos nos tornam pessoas contraditórias, ao passo que são as nossas imperfeições que acabam nos tornando seres moventes, sempre insaciados e em busca, em busca de algo que nem sabemos dar nome direito.

Sobre o sofrimento

“Correr do sofrimento é correr daquilo que nos humaniza, daquilo que nos faz crescer, daquilo que, pelas machucaduras que nos gera, também nos torna mais fortes”.

“Não penso no sofrimento como algo externo, que nos atinge de fora. Penso no sofrimento como elaboração interior de tudo aquilo que vivemos, seja externo ou interno a nós. Viver é doído, no sentido de que somos sempre obrigados a reelaborar questões que nos tocam diretamente, no sentido de que somos sempre obrigados a amadurecer; somos sempre obrigados a fazer experiências enquanto vivemos e, ao sermos afetados por elas, dar a elas o devido significado que devem possuir em nós. Mas nem sempre sabemos qual o devido significado e lugar que as coisas que vivemos possuem em nós. Todavia, evitar essas reelaborações interiores,

fugindo dessa dor de ter que fazer a vida valer a pena, gera em nós mais dores e angústias ainda!”.

Sobre interioridade e espiritualidade

“As experiências dos outros nos acrescentam muito, mas não cabe a ninguém o dom de nos dar as respostas. E é isso que faz a experiência da vida ser uma experiência profundamente existencial e angustiante: os caminhos que fazemos, só nós fazemos, mesmo tendo pessoas ao nosso lado, porque são caminhos interiores, e ninguém, por mais pura e importante que seja para nós, possui o dom de chegar ao nosso interior. Isso é angustiante... ninguém vive suas experiências, ninguém vive sua vida, ninguém sente o que você sente... As palavras, as teorias, os métodos, nada dessas coisas expressa bem o que se passa dentro da gente. Há quem diga que só Deus pode chegar em nosso interior... Porém, creio, só que com um detalhe impressionante: Ele não se impõe, não nos rouba de nós mesmos, nem desconsidera o que sentimos, o que desejamos, o que falamos... Não tem juízos prontamente formulados para nos reprimir ou acusar, ao contrário das demais pessoas, mesmo as mais boas e santas, que sempre têm um juízo, pequeno que seja, uma teoria, pequena que seja, pra se apoiar e para nos questionar. O meu “eu” é meu, minha existência é minha... Há auxílios, inúmeros, mas são apenas auxílios”.

“A verdadeira espiritualidade é humanizadora e integradora, na mesma medida em que o religioso verdadeiro é comunhão, consigo e com os outros, com o micro e o macromundo. A espiritualidade não nos livra da humanidade nem nos coloca em um patamar mais elevado que os outros. Quanto mais e melhor humano formos, melhor poderá ser nossa espiritualidade; e ela não é um privilégio dos que têm fé apenas”.

“O céu, o ser humano e Deus jamais estiveram distantes um do outro. Quando Deus veio ao ser humano, trouxe o céu consigo. Quando Deus voltou ao céu, levou o ser humano consigo. Quando o ser humano volta-se para Deus, encontra o céu que tanto busca. Quando o ser humano for

definitivamente para o céu, então será plenamente aquilo que, desde agora, já é chamado a ser, em Deus. Nos mistérios do Cristo estão contidos os mistérios do homem e do todo”.

“Espiritualidade é comunhão. Ela não é oração; ela é o jeito que somos, falamos, agimos, organizamos nossa vida, nossa casa, nossos cursos, nosso trabalho, é nosso tom de voz... Ela não nos coloca acima do mundo nem de nada... Ao contrário”¹.

Sobre vocação

Uma pessoa vive ainda mais autenticamente uma vocação quando a escolhe sabendo da riqueza e beleza das outras vocações. Quem escolhe uma vocação depreciando as outras não vive nenhuma. Vocação é Graça de Deus e, tal como o Deus Tri-Uno, produz frutos de unidade e comunhão em todo o corpo eclesial. Quem precisa depreciar uma vocação para justificar aquela que acha que é a sua, é bom reconsiderar a autenticidade de sua “escuta” no crivo da eclesialidade. Aliás, vocação é “graça” e “misericórdia”. Se não nos torna agraciados e misericordiosos, não está sendo vivida com autenticidade.

Sobre pregações e mídia

Esses padres midiáticos ainda não tomaram conhecimento do bem, mas também do mal que eles podem causar?! O tempo de que muitos dispõem para suas falas e “catequeses” pode transmitir mensagens muito generalizadas sobre a Doutrina Católica, e muitas pessoas têm acesso à “formação” praticamente por esses meios de comunicação, repetindo aos quatro ventos o que ouvem nesses *podcasts*. Não dá para conhecer a vasta

¹ Dedico esta pensata ao amigo/irmão Pe. Rogério Ferreira da Silva, peregrino, aprendiz de andarilho, mestre de espiritualidade. E, na pessoa dele, dedico também a tantas outras pessoas que me são caras, cujos nomes não caberiam aqui, mas, com certeza, estão escritos e inscritos no Livro da Vida, desde sempre e para sempre.

Doutrina Social da Igreja, por exemplo, só a partir de vídeos e interpretações de youtube ou de tv's religiosas. Cuidado!

Sobre pensadores, artistas e Deus

Filósofos, místicos e teólogos sempre nos ensinam sobre o profundo-existência. E os artistas também. Aliás, muitos deles são verdadeiras sínteses dos três anteriores. Ele, o *Logos*, o *Misterium* e o *Theos-Logos*, é também o Artista por excelência. Por fim, Ele é o Homem por excelência... É Dele que somos “imago”, é N’Ele que somos.

Sobre imagens alheias

As imagens que fazemos dos outros são sempre erradas, no sentido de que não condizem com que eles realmente são. E, sempre, os outros são muito mais do que imaginamos deles... Ser humano algum cabe em nossas interpretações. O fundamental, portanto, é deixar que o outro seja quem ele é, para aprendermos a amar a realidade e não a imagem. Agindo assim, a libertação é recíproca. Há sempre uma história por detrás de cada rosto. Leia-a, mas sem pressas!

Sobre sucessos alheios

É impressionante como o sucesso financeiro é o único que importa na cabeça de um número muito elevado de pessoas. Poucos são os que se alegram única e simplesmente pela felicidade e realização de uma pessoa, mas muitos são os que mudam de cara para cumprimentar e estarem mais próximos daqueles que elas julgam ser alguém “vitorioso”, mesmo tendo passado uma vida toda sem dar muita importância para essa criatura que de repente se transformou em “alguém”. Não sei se isso é alegria verdadeira compartilhada ou investimento. Tem gente que parabeniza os outros pelas suas conquistas, mas não teve a mesma presença no apoio das lutas;

se faz presente nas chegadas, mas nunca esteve presente no caminho. É preciso pensar.

Sobre dormir e acordar

“Já que estamos acordados, vamos tentar viver”.

“Acordar pra quê? A vida é muito complexa e sem sentido pra gente ter que acordar e lutar todos os dias”.

“Mais uma vez, o milagre da vida... O despertador tocou e havia vida dentro de mim para escutá-lo. Você já parou para pensar que poderia não ter sido assim? Acordar, dormir, viver... Há muito mistério nisso a ser contemplado”.

Sobre estudos, provas e avaliações

“É chegada a hora do “exame”. Mas quem deve nos examinar mais do que nós mesmos nesta hora? É preciso ficar tranquilo, fazer o que se sabe, o que se pode aprender, o que se quis aprender. Não se pode esquecer que o maior limite a ser superado é o próprio limite. As demandas alheias, aquelas demandas que não são próprias, não são as mais importantes! Assim, não se deve preocupar em suprir as expectativas de ninguém. Para a vida real não há gabaritos. Deste modo, não parece ser justo desejar sorte a ninguém. Ao contrário, é bom que se deseje sucesso, êxito, que se colha com satisfação e consciência os frutos dos próprios esforços; que se saiba colher os frutos do que foi plantado ao longo de um determinado ano e ciclo, ao longo de toda a jornada formativa trilhada. Se, por algum motivo, nada foi plantado, provavelmente não se colherá muita coisa, e é justo que seja assim! Se pouco foi plantado, é justo que se colha pouco... Do contrário, a colheita será abundante. E que tudo, enfim, seja encarado como mais um passo, somado a tantos outros já dados, mais uma de muitas outras conquistas e vitórias possíveis. Bom exame! Boa vida!”.

“Pecado acadêmico: ler umas poucas páginas de algum livro e se sentir doutor na área. Leia direito, com calma, para começar a entender... Concordar e/ou discordar é coisa para bem mais tarde. A honestidade também é fundamental no universo acadêmico, se chama ‘honestidade intelectual’ algumas vezes, ‘vergonha na cara’ noutras. Não tenha pressa de emitir opiniões, mas se apresse em ser uma pessoa bem formada e em constante formação; enquanto você se preocupa em exibir seu parco conhecimento, há quem procura estudar as coisas de modo mais decente e sempre estará quilômetros à sua frente. Faça o seu caminho de boa!”.

“A árvore não se sustenta sem raiz. E isso também vale, em alguma medida, para a Educação”.

Sobre política

“De um lado pessoas falando em ‘esquerdopatia’; de outro lado pessoas falando de ‘direitopatia’... Excesso de alfinetadas, pouquíssimos de nós ouvindo nossos amigos com verdadeira abertura de coração... Muita falta de interpretação de texto, muita leitura apressada, muitos de nós preocupados em defender nossos pontos de vista... Muita intriga, muita briga, muitas indiretas, muita dissimulação... Parece-me que as redes sociais não estão sendo um meio muito bacana de diálogo, de aproximações... Na vida real parece não estar tão conflitante assim. Não está bacana este movimento de rotulação das pessoas como ‘coxinhas’, ‘petralhas’, ‘esquerdopatas’, ‘direitopatas’, ‘lulistas’, ‘dilmistas’, ‘aecistas’, ‘olavetes’ e afins... Com que facilidade nós ficamos rotulando uns aos outros, mas com que dificuldade dialogamos com paz de espírito, tranquilidade e autoconsciência. Se pararmos bem para refletir, estamos todos sonhando com um país melhor e nos matando por uma mesma causa; se pararmos bem para refletir, nossas diferenças são as grandes riquezas que temos; se pararmos bem para refletir, nenhum de nós aqui sabe praticamente nada do que anda acontecendo... Nossa ignorância é fraternal. Lembro-me de uma fala de Paulo, em que se portava como ‘o primeiro’ dos pecadores (cf. I Tm 1,

15). Da parte de cada um de nós, que haja mais amor, que haja mais compreensão, que haja mais carinho, que haja mais diálogo, que haja mais silêncio, que haja mais paz!!!”.

“São tantos os recuos dos governichos históricos do Brasil que, não raramente, há recuos do recuo... Com tanta recuada, só podemos esperar retrocessos e mais retrocessos”.

“No ano de 2013 a artista Regina José Galindo, da Guatemala, apresentou em um evento na Universidade de São Paulo uma performance chamada ‘Piedra’. Imóvel como uma pedra, alguém da plateia urinou sobre ela e a imagem do fato circulou rapidamente, causando impacto até hoje. Vi, recentemente, um parlamentar federal em seu perfil numa rede social manifestando ‘profundo espanto’ sobre o fato, negando que houvesse algo de artístico na atuação da Regina. Fato é que a mulher é realmente uma artista, ao passo que o homem que urinou sobre ela era apenas um espectador... Pode até ser que a sua atitude tenha sido previamente combinada com Regina, mas não podemos saber. A imagem que circulou é triste sim, mas é um ‘fenômeno artístico’ que ‘representa esteticamente’ o que a sociedade tem feito com nossos irmãos negros, com as mulheres, com o povo há tempos. Fiquei pensando: será que o parlamentar que postou esta imagem já ouviu falar em ‘mímeses’ e sua forte aplicação no campo artístico? Será que ele já estudou um pouquinho de Filosofia da Arte? A ‘representação’ artística chocou? Sim. E a ‘realidade’, quanto tem chocado as pessoas? Confesso que a imagem muito me chocou e choca também, e a coragem da artista que se dispôs a fazer a interpretação também, mas compreendendo a finalidade estética do ato... Choca-me mais, porém, saber o quanto a escravidão ainda reina em nosso país, no trabalho escravo e nos afrouxamentos recentes da reflexão e da ação política quanto a isso, presente também na escravidão mental de muitos do nosso povo, presente no racismo cotidiano, nos desrespeitos, violências e opressões com as pessoas de toda origem e cultura; choca-me o quanto diversos parlamentares urinam sobre nós diariamente com a urina da corrupção, do corporativismo, do partidarismo, do conchavo, das coligações macabras, das ementas

fétidas, do discurso cínico, estéril e sofisticado... Choca-me a hipocrisia e o moralismo mentecapto de tantos. A imagem e a arte não são o problema, elas apenas representam uma realidade que é muito mais problemática e chocante”.

Parte superior do formulário

Sobre a vida

“E viver a vida com tanta intensidade até que ela se torne um amor pra vida toda. Já pedi perdão mesmo sem entender por que eu deveria fazer isso, já amei tanto até me acusarem de amor exagerado, já sorri para tentar esconder as lágrimas, já fui príncipe e já fui monstro, já fui santo para alguns e pecador para tantos outros, já fui esperto e já fui bobo, já fui sábio e já fui tolo; já paguei o preço de minhas inexperiências, já corri atrás da pessoa amada; já fui presenteado com a paciência alheia, mas também já sofri por quem não quis me esperar, por quem preferia comprar pronto. Solução? Ser humano nenhum é acabado, a construção é diária! De tudo isso, ainda continuo apaixonado pela vida, pelo brilho do sol, pela poesia das flores, pela eloquência das chuvas, pelo sorriso das pessoas, pela simplicidade filosófica das crianças, pela pulsão apaixonada dos jovens, pela resiliência dos adultos, pela experiência dos idosos, pela sabedoria do tempo... Pela vitalidade da vida. E as dores? Elas têm o dom de nos humanizar. Não ganho nem perco... Aprendo!”

“A vida é um dever constante que nunca se deságua num ser absoluto... Sendo assim, é mais fácil sabermos o não do que o sim, o errado do que o certo, pois o errado é o que foi feito e que não deu certo, ele é factual, existencial, comprovável... O certo é aposta, por sua vez, é no dia a dia que sua viabilidade se comprova. Não há regras, não há códigos morais absolutamente seguros para a vida... Não me iludo com essa esperança. Tudo que é invenção humana é tão inacabado e imperfeito quanto seu próprio inventor. Nesta perspectiva, não devemos ter medo de arriscar e vivermos a vida de modo ativo, positivo, mas devemos nos policiar para não cometermos os mesmos erros do passado. Ainda que não tenhamos errado

propositadamente. Querer controlar a via e a vida dos outros, por exemplo; cometer abusos morais e religiosos em nome de Deus, de uma ideologia sócio-política, ou seja lá o que for, é um erro constatável empiricamente e historicamente. Esse erro deve ser temido de ser repetido. Entretanto, experiência de vida alguma deve barrar o sonho e a perspectiva de presente e de futuro. Lance-se! Mas não obrigue que os outros se lancem do mesmo modo e nos mesmos lugares que você”.

“Nós não somos, estamos sendo. A vida é uma saída constante, é ida, é volta ao lar...”.

“A finalidade de cada existência é uma descoberta sob a responsabilidade de cada existente”.

“A vida pode ser curta, mas que não seja pequena!”.

Sobre fraternidade

“Para os teólogos viemos de um mesmo Deus; para os cosmólogos viemos da mesma poeira das estrelas; para os biólogos, descendemos de um ancestral comum... Independente de onde viemos, somos irmãos, há uma unidade irrenunciável entre tudo e todos... O Demiurgo que transformou o caos em cosmos gerou tudo da assimetria e, de sua força criadora, nasceu a fraternidade sistêmica”.

“Muitos de nós podemos sofrer de falta de interpretação textual e de falta de boa vontade em compreensão alheia. Cuidemos!”.

Sobre a docência

“Sou feliz por ser professor! Sou feliz por ser estudante! Não tem como se tornar uma coisa deixando de ser a outra... A formação é permanente, pois o ser humano está inacabado. Que sejamos, todos nós, eternos alunos, a fim de evitarmos o erro grosseiro de acreditar que somos pessoas de ‘notório saber’! Somos todos irmãos diante do vasto mundo do não-saber. Que essa profissão seja mais valorizada e respeitada!”.

“A atividade docente, se não estiver criticamente atenta aos diversos modelos de (in)decência cultural que se vigoram e se veiculam em nossos cenários pedagógicos, correrá o risco de perpetuar modelos educativos marcadamente desconfiados das habilidades e competências autônomas dos seus estudantes. E não adiantará mudar a disposição das carteiras de fileiras para círculos, nem propor leitura de textos super interessantes, se não se criar espaço efetivo para a dúvida, para a criticidade honesta, para o exercício livre do pensamento, para as livres interpretações dos estudantes. Isso não pressupõe um relativismo do ensino, mas um exercitar metódico que passa especialmente pela capacidade de diálogo honesto entre docentes e discentes, debatendo ideias e hermenêuticas conflitantes de modo respeitoso, sem imposições interpretativas dogmáticas”.

“Criatividade docente é uma coisa, bancar o palhaço em sala de aula já é outra, nada decente. Se o tal do respeito fosse uma coisa levada mais a sério pelas pessoas, ninguém precisaria bancar o bobo para ganhar a vida”.

Sobre encontrar-se

“Doce ou atroz, manso ou feroz... Eu, caçador de mim’... Não passe a vida toda só se buscando, se caçando... Faça amizade consigo também, encontre-se também, ame-se também... Reconheça-se. Esse reconhecimento será a grande base, uma base sólida, para novas caçadas. Ninguém suporta uma vida toda só na tensão da busca... Encontros são fundamentais. E consigo não é diferente”.

Sobre saudosismos e nostalgias

“Não pensem os nostálgicos que tudo já foi feito, que os tempos de outrora eram mais desafiantes e que a aventura de existir era mais intensa... Não se enganem, também lá havia gente mesquinha e alienada, assim como aqueles que pensam que hoje não há mais nada a ser feito,

que não há um sistema para ser reformulado, que não há humanos para serem regenerados, que não há uma sabedoria a ser construída. Também hoje temos respostas a dar e mais perguntas a fazer”.

Sobre paixões e amores

“Apaixonar-se está ao alcance de qualquer um. Amar não! Pequenas paixões qualquer um consegue. Já um grande amor requer muita coragem, doação e despojamento. Estar apaixonado é um estado de espírito, já amar é um ato, um ato refletido. Um ato sempre depende de nós, podemos querê-lo, empenhar-nos nele, mantê-lo. Agora, um estado de espírito não, ele é superficial, é algo que não dá para prometer nem se comprometer, assim como não dá para prometer que teremos febre sempre. O amor, porém, é mais que paixão, o amor é um comprometimento consciente, uma decisão que pode durar a vida toda, se dela cuidarmos e nela empenharmos”.

Sobre um certo Andarilho

“O que resta senão a formidável ausência, mas em toda parte presente? Nostalgia de andarilho: calaram-no, mas não puderam negar que ele falou”.

Sobre dar-se

“Dê apenas gotas de si mesmo, gradativamente, passo a passo, lentamente... Não se dê por completo de uma só vez, a fim de que o interlocutor não se assuste com o complexo existencial que você é. Aliás, dar-se por completo de uma só vez seria até mesmo incoerência, tolice, ingenuidade, pois nem você conhece a si mesmo completamente. Aproveite a ocasião para descobrir-se junto, reciprocamente, pacientemente, alegremente, compreensivamente... Que a luz de um ilumine a sombra do outro, tendo a consciência serena de que, enquanto houver luz, sombras brilharão em

alguns cantos de sua existência. É preciso saber reinventar-se; com um pouco de poesia e abertura de espírito, o processo de aprendizado se torna fecundo a todos que dele participam. Lembre-se: se lidar consigo é um desafio perene para você mesmo, imagine para os outros. Ninguém deve compreender a si e aos outros tão depressa...”.

Sobre vida [após a morte?]

“Se existe uma vida após a morte não podemos saber seguramente, mas é certo que existe uma vida antes da morte, a nossa, a de hoje, e que merece ser bem vivida e bem cuidada. Aliás, cada um da sua, em certa medida”.

Sobre humanos e invenções

“Não consigo admirar *o que o homem cria* mais do que o próprio *homem que cria*. Todas as pretensas invenções e ‘exatidões’ humanas são tão inacabadas e provisórias quanto o ser que as inventa. Não teria nada disso sem o ser humano. Compreender o que o homem faz é pouco diante do desafio de compreender o próprio homem que faz”.

“As ‘Exatas’ são apenas uma invenção escabrosa de um ser humano espantado com a inexatidão da vida”.

Sobre hoje e amanhã

“Não podemos querer que a vida que temos hoje se perpetue, por mais bela que seja, pois nos impediríamos de viver as belezas que nos são reservadas pelo amanhã”.

Sobre mistérios

“O silêncio é uma vogal”.

Sobre lutas, resistências e educação

“Nós, o povo, somos milhões, somos maioria... Os que oprimem as consciências temem a educação crítica, porque a educação pode subverter essa lógica opressiva. Enquanto muitos apelam, nós educaremos. Nossa vingança é a educação, e ela ainda vai mudar este país. Vingaremos educando! O que resta aos opressores é o temor, a apelação, a violência, o medo; eles atiram nos próprios pés exercendo o poder dominador, mas nós nos fortalecemos com o poder da resistência. Sim, resistiremos! E nossa resistência e luta despertarão outros lutadores. Quanto ao povo, em geral, não será pacífico sempre, pois o cinismo dos ‘poderosos’ faz de tudo para despertar a ira dos verdadeiros homens de bem! Não à falsa ordem!”.

Sobre “gênero”

O que acontece é que há uma “realidade”: a diversidade dos sujeitos e de suas identidades. Em seguida, há a necessidade de compreender a complexidade da vida humana. Soma-se a isso o fechamento de alguns estratos sociais quanto à temática, o arreganhamento de outros quanto ao assunto, e a busca de um diálogo sério e honesto sobre o mesmo por parte de outros. Não obstante, há conceituações sobre essas realidades em ambas as partes anteriormente citadas. Se há ou se não há “gênero”, fato é que há uma “realidade” que nos desafia a ser pensada com responsabilidade... Realidades novas em discussão, mas tão antigas quanto à própria humanidade, de tal modo que não é apenas uma questão que se resolve no confinamento das famílias, “tradicionais” ou não. O diálogo deve acontecer na sociedade civil organizada, e a escola é um espaço importante para debater essas questões vitais (escola e vida). Aliás, há jovens que revelam muitas coisas nas escolas e as escondem no interior das suas casas. Isso não deve pressupor, de fato, uma apologia, seja favorável ou contra, pois não é esse o papel da escola, mas sim desenvolver reflexões no campo da problematização das realidades, fundamentadas nos mais variados

referenciais, ouvindo os estudantes em suas mais diversas situações e pontos de vista, compreendendo as questões biológicas, psicológicas e sociais envolvidas, dentre outras... Proibir a discussão sobre essas temáticas no espaço escolar é de uma negligência perigosa e também ingênua, pois nem sempre as famílias se permitem “dialogar” com seus jovens sobre essas questões que ainda são “tabus” para muitas delas. É importante também refletirmos sobre os mais variados conceitos já criados, mas, mais urgente ainda, é compreender que a reflexão vai muito além do campo semântico e conceitual... Estamos falando de vidas que pulsam... E elas pulsam.

Sobre crentes e não crentes

Crentes e não crentes estão separados aqui apenas pelo que ignoram. Isso não anula suas discordâncias, mas relativiza seu alcance. Seria loucura dar mais importância ao que ignoram e ao que os separa do que ao que sabem tão bem, talvez por experiência e de coração, e que os aproxima. O que constitui o valor de uma vida humana é a quantidade de amor, de compaixão e de justiça de que somos capazes de viver, professar e praticar.

Sobre ressurreição

A Ressurreição é o grito transbordante de vida numa cultura de morte. A Ressurreição é o mais puro significado da responsabilidade e do comprometimento com a promoção da vida. A Ressurreição é a mais consistente denúncia aos projetos que destroem a dignidade integral da pessoa humana. A Ressurreição é evento que escancara a hipocrisia de uma religiosidade transformada em poder e opressão, e do dinheiro transformado em deus. A Ressurreição é testemunho eloquente de que o clamor dos pobres e injustiçados jamais poderá ser silenciado. A Ressurreição sustenta a esperança daqueles que são continuamente crucificados na indigência, na miséria, na exploração político-econômica, no moralismo

pseudo-religioso... A Ressurreição denuncia o patrimonialismo. Sim, a Ressurreição é um perigo!.

Sobre tempos sombrios

“Em tempos de necropolítica, de fascismo sistêmico, de negacionismo histórico, de insistente proliferação da falácia de que vivemos uma ameaça comunista, de discurso moralista, de economicismo, de ataque à educação e à ciência e de destruição do psicológico das pessoas... Precisamos ser combatentes, responsáveis com a vida dos outros, com o bem comum, com a democracia... Precisamos nos comprometer em pensar com profundidade a realidade e tentar traduzir o pensamento de modo acessível às pessoas... Precisamos provocar a criticidade das pessoas... Precisamos ainda nos esforçar para continuar acreditando na humanidade como coisa racional e integral”.

“Tempos sombrios nos ensinam que não basta somente pensar, é preciso sentir. Não basta a inteligência racional, é preciso inteligência emocional. Não basta somente falar ao *logos* das pessoas, mas também ao *ethos*, também ao *pathos*... São tempos que nos lembram que não podemos deixar de vigiar e de lutar com firmeza, e na perspectiva de uma revolução da ternura, como diz o papa Francisco, sem perder a esperança, a luz interior, a fé na humanidade... Exercício pesado de ser feito, mas necessário”.

“Um tempo especial para o autoconhecimento, para se descobrir novas aptidões. O desafio está posto. A vida e suas surpresas, a angústia por causa da responsabilidade de dar uma boa resposta aos desafios, e a felicidade nos convidando a construí-la. O interior condiciona muito as cores do externo... Por isso é sempre tempo de cuidar da gente mesmo, de gostar de estar com a gente mesmo, de conhecer a gente mesmo. Talvez essa seja a maior das questões da vida humana: quem sou eu? E o maior dos mandamentos filosóficos esse: conhece-te a ti mesmo. E, nesse processo, somos um todo. Uma integralidade: sentimentos, razão, paixões... Ordem e

desordem, luz e sombras, chegadas e partidas. E a gente vai se inventando nisso tudo, quebrando a cara algumas vezes, inconscientes muitas vezes, conscientes tantas outras... E como a gente é o que é? Sendo. Só se é, sendo, movimentando-se, arriscando-se, ressignificando-se...”

“Ao longo do tempo a gente vai se ressignificando em nossas referências mesmo. Mudar não é ruim. Ruim é querer mudar e não ter coragem para isso”.

“Existem governos que encaminham a coisa pública para uma realidade pior que uma ditadura militar eschachada. São aqueles governos que fazem maldade disfarçada de democracia, com amparo legal... Eles atuam fazendo guerra cultural e psicológica mesmo, destruindo direitos do trabalhador, precarizando pouco a pouco as conquistas e sonhos do povo simples, negando a crueldade de momentos históricos cruéis, escondendo dados, debochando da dor dos outros, reduzindo a democracia a nada, a uma farsa. Esses tipos de desgovernos não têm perspectivas de desenvolvimento sem ataque aos sofredores”.

“Importante você ser respeitado/a em seu posicionamento e também respeitar o seu próprio posicionamento. Precisaremos disso cada vez mais, de certeza e de firmeza sobre nossas convicções. A primeira coisa que tempos sombrios procuram fazer é levar as pessoas a duvidarem de suas convicções existenciais e, por consequência, a negar suas próprias histórias. Força!”.

“Tempos sombrios são *desafiantes*, porque nos convocam a rever nossas rotinas e hábitos automatizados e a redescobrir novos modos de viver, de expressar nossos sentimentos, convicções e fé. Não dá para continuar fazendo as coisas como fazíamos”.

“Tempos sombrios são *intensos*, porque a todo momento aparece uma nova notícia, um novo dado, uma nova orientação; muitas informações para absorver, muitas sensações para lidar”.

“Tempos sombrios pedem *responsabilidade*, porque nos exigem a capacidade de dar uma boa resposta aos intensos desafios surgidos, uma

resposta ética, solidária, ciente dos deveres coletivos, compromissada com cada irmão, que é sempre nosso próximo”.

“Tempos sombrios pedem *empatia*, porque nos convidam a ter sempre o rosto do outro diante e dentro de nós, esforçando-nos ao máximo para estar do seu lado. Jamais conseguiremos nos colocar totalmente no lugar do outro, pois ninguém é capaz de captar o mundo como os demais, mas há uma fraternidade entre nós e, deste modo, podemos sempre reconhecer nossas semelhanças e estarmos próximos de algum modo, mesmo que não seja possível fisicamente. Se, mesmo longe, fizermos bem ao outro, então estaremos e seremos próximos dele”.

“O sistema neoliberal pressupõe a ideologia do ‘trabalhe, trabalhe, trabalhe’, a lógica do mercado acima da lógica do humano, a falácia de que ‘não podemos parar de produzir’. Por isso, temos que nos atentar e nos unir como classe e também, e, sobretudo, como gente, como pessoa humana, e não nos cansarmos de bradar em alta voz que o valor da vida é o maior dos valores, e que são a economia e o trabalho que servem ao homem, não o contrário”.

“Todo tempo de excepcionalidade tende a produzir um tipo de normalidade com pretensões de significação do novo que virá. É preciso atentar-se a isso. Que novo queremos? Que normalidade desejamos? O que é a normalidade?”.

“Impõe-se a necessidade de construção da subjetividade no constante trabalho sobre si. A ciência esquematiza muito a vida e os nossos objetos, mas as coisas não são tão esquematizáveis e objetiváveis assim. A vida é melhor que os seus projetos”.

“Estamos precisando muito pensar as emoções e emocionar os pensamentos. Integralidade é tudo nesse momento. Isso é fundamental para manter a esperança viva, bem nutrida e sã”.

Considerações finais. finais não, reticentes...

No dia 17 de novembro de 2018, em uma cidade do sul de Minas Gerais, depois de ter ministrado aula de Filosofia da Linguagem o dia inteiro em curso de especialização em uma Universidade, voltei para o hotel já no final da tarde, tomei um banho e saí para jantar em um restaurante por perto. Era um fim de dia frio e de garoa constante.

Tendo encontrado um restaurante que me agradou, sentei à mesa, daquelas que ficam dispostas na calçada do lado de fora do recinto, em frente a uma televisão grande que transmitia um jogo de futebol, pedi uma bebida e escolhi um prato do cardápio. Pouco à frente de mim havia um homem, vestido como quem tivera acabado de sair do trabalho. Ele olhava para a televisão. Fiquei tocado com aquele homem ali em pé, quieto vendo o jogo, senti vontade de chamá-lo para sentar à mesa comigo, tomar alguma coisa e ver o jogo ali, sentado. Mas, acabei não chamando. E isso me causou certo incômodo interior.

Pouco depois, a refeição que pedi foi trazida, e já não me lembrava de nada ao meu redor. Porém, chegou até minha mesa uma pessoa oferecendo-me um produto qualquer para vender... Preferi não comprar, e a pessoa que me ofereceu seu produto agradeceu-me ternamente e seguiu seu caminho, com uma leveza de espírito que me deixou ainda mais incomodado interiormente.

Tendo terminado de tomar minha refeição, paguei a conta e segui de volta para o hotel. No meio do caminho, deparei-me com uma pessoa sentada no chão, encostada na porta fechada de uma loja. Ela estava suja, com um dos olhos e os lábios machucados e inchados, tomando aquela garoa em seu corpo. Por um segundo, acabamos olhando um nos olhos do outro. Segui a caminhada por alguns poucos metros, mas senti que não podia mais ignorar tudo o que eu estava sentindo desde o encontro com a

primeira pessoa lá no restaurante. Então, parei, respirei fundo e voltei até àquele irmão sentado ao chão e machucado. Sem entender por que eu fazia aquilo, e sem saber ao certo o que fazer, agachei-me próximo a ele e perguntei como ele estava e se queria alguma coisa para comer. Ele respondeu-me, com uma voz suave, dizendo que não queria nada. Eu, entretanto, insisti na pergunta, e foi aí que tudo começou a fazer sentido...

Após eu ter perguntado pela segunda vez se aquela pessoa queria alguma coisa, ela me disse a seguinte coisa: “Senta aqui e vem ver o mundo de onde eu vejo!”. Não tive forças para mais nada, a não ser para fazer a única coisa que eu já devia ter feito: sentei naquele chão molhado, ao lado daquele irmão machucado e que não cheirava bem. Eu havia tomado um banho quente fazia pouco tempo, estava com um moletom limpo e cheiroso, mas não havia outra coisa a ser feita. Fiquei sentado ali entre cinco a dez minutos, nós dois em completo silêncio, apenas olhando as pessoas passando por nós e a imagem da cidade ali de baixo. Lembro da feição de algumas pessoas que passavam: algumas olharam com estranhamento nós dois sentados juntos; outras passaram e sequer tomaram conhecimento de nossa existência ali sentados; outras, ainda, pareciam admirar e ter vontade de pararem ali com a gente por um instante, mas ninguém parou. Os prédios daquela avenida pareciam ainda maiores ali do chão. Lembro-me do céu nublado meio que se perdendo entre os imóveis dos dois lados da avenida... Tudo parecia grande demais. E aquele irmão ali ao meu lado, silencioso, me acompanhando na visita que eu fazia ao seu ponto de vista das coisas, em julgamentos, sem cobranças, sem peso, sem apontar dedos para mim... Estranhamente, mas belamente, não havia condenações ali e dali, daquele “lugar” onde estávamos. Não sei ao certo se ali era um “lugar” ou um “estado de espírito”...

Após algum tempo, estonteado com a experiência que me revolucionava e subvertia interiormente, sem saber o que fazer nem o que dizer, perguntei a ele novamente se não gostaria de nada mesmo, ao que me disse que não, agradecendo-me. Resolvi, então, abraçar aquele maravilhoso professor, forte e demoradamente. Enquanto eu lhe abraçava, sua

mão acariciava suavemente minhas costas, com movimentos repetidos, como uma mãe ou um pai abraça carinhosamente seu filho amado e sem rumo... Quanta ternura havia naquele abraço daquele irmão tão machucado e tão vivo e generoso.

Ainda abraçados, eu lhe agradei por ter me proporcionado aquela experiência e que ela tinha sido muito boa, que eu não sabia nem dizer o que eu sentia (e até hoje não sei, só sei sentir), mas que eu precisava daquilo. Não bastando tudo o que aquele homem já havia feito por mim, ele respondeu-me do seguinte modo, acariciando ainda mais minhas costas: “É! Eu sei, meu filho! Eu ajudo muito gente mesmo”. Então me levantei e fui embora. Fiquei com vontade de, no meio do caminho, virar-me para trás e olhá-lo de novo, mas tive medo de que ele não estivesse mais lá. E senti que não era necessário fazer isso, pois, estando ou não ainda naquele “lugar”, aquele “lugar” estava em mim, estava indo embora junto comigo, e chegou até aqui, nas páginas finais deste livro. “Senta aqui e vem ver o mundo de onde eu vejo!”.

Andarilho

Tempos vêm e vão
Vidas vêm e vão
Quantas coisas mudam de lugar.

Abro o coração
Estendo a minha mão
E canto uma canção para expressar...

Que sinto saudade, tanta saudade
De algo que nem sei como chamar.
Nem sei se já se foi, ou se ainda vem
Mas me faz falta; preciso encontrar.

Sei que estás sempre presente
E também sempre escapável
Desaprendi como viver sem te buscar.

Não sei se te perdi
Ou se nunca te encontrei
Mas tua sombra está em mim a me marcar.

Marcas de amor e dor, quanto amor
Que toda dor me faz lembrar a tua falta.
Estás tão perto e longe, estás tão dentro e fora
Mas eu vou te encontrar, não vá embora.

Não preciso ir ao mundo inteiro a te procurar

Mas seria tão mais fácil se assim fosse.
É tão difícil aceitar o risco de perder-me pra te achar
Mas perdido assim encontrarei o amado.

Quem sabe eu me encontrarei também
Perdido dentro do teu coração.

Eu nem sei se estou fazendo o certo
Mas uma coisa eu descobri: seu nome é “Deus”...

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org